

REVISTA
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
DO
RIO DE JANEIRO

TOMO XIII

Annos de 1898 a 1900

91(81)(05)



RIO DE JANEIRO
Typographia LEUZINGER

1900

2823

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1918

REVISTA
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
DO
RIO DE JANEIRO

TOMO XIII

Annos de 1898 a 1900



RIO DE JANEIRO
Typographia LEUZINGER

—
1900

2823

REVISTA

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

TOMO XIII

Annos de 1898 a 1900

REDACTOR

Dr. Antonio de Paula Freitas

A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro

Conta esta Sociedade presentemente dezoito annos de existencia, os quaes tem dedicado ao estudo de varios assumptos concernentes á geographia patria ; á publicação de diversos trabalhos, especialmente artigos e roteiros interessantes, que existiam apenas em manuscriptos ; á representação do Brazil em varios congressos da Europa ; e á realisação d'uma Exposição de geographia sul-americana, após a qual enriqueceu os seus archivos e bibliotheca de documentos, impressos e manuscriptos sobre os paizes da America Meridional.

A sua revista, que conta já doze tomos em 34 fasciculos, soffreu ultimamente longa interrupção, por motivos ponderosos, que difficultaram tambem as reuniões da Sociedade, e infelizmente não deixaram de influir desfavoravelmente na marcha dos seus trabalhos. Reapparece porém, n'este momento, com o tomo XIII, correspondente aos annos de 1898 a 1900.

Seria para desejar que se apresentasse mais volumoso ; mas o facto não se dá por falta de trabalhos, e apenas no intuito de reduzi-lo ás proporções compatíveis com os recursos de que presentemente póde a Sociedade dispôr para esse fim.

— Historiaremos, n'este momento, o que se passou nas festas solemnes do Centenario do descobrimento do caminho para a India, realisadas em Lisbôa nos annos de 1897 e 1898 pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, e nas quaes foi a nossa Sociedade representada pelos Srs. Drs. João Pereira Monteiro, J. Vieira da Silva e José Calmon Nogueira da Gama.

Ainda que um pouco tarde, é o assumpto de tal importancia, que a Sociedade tem todo o prazer em destinar-lhe algumas paginas da sua revista.

— Graves e importantes questões, que cabem bem nos intuitos da nossa Sociedade de Geographia, ventillam-se actualmente no paiz referentes aos seus limites com as nações do norte e oeste. Ainda que o estudo de taes questões esteja confiado a commissões de que se deva esperar toda a imparcialidade, solitudine e patriotismo para uma solução verdadeira e justa, é nosso interesse acompanhar taes estudos, e esforçar-nos para que o Brazil jámais seja esbulhado dos seus dominios.

— Tambem no corrente anno serão celebradas as festas commemorativas do 4.^o Centenario do descobrimento do Brazil, por iniciativa d'uma Associação popular, que se organisou para esse fim, e a que a Sociedade de Geographia se associou, nomeando seus representantes, que alli occupam cargos importantes.

— Com estes trabalhos e outros que interessam os fins da nossa Sociedade de Geographia, teremos composto o tomo XIII da Revista.

A REDACÇÃO.

O 4.º Centenario da India

NOTICIA PELO DR. PAULA FREITAS

A commemoração do 4.º Centenario do descobrimento do caminho maritimo da India por Vasco da Gama foi assentada pela Sociedade de Geographia de Lisbôa no anno de 1890, e tomou vigor no anno de 1894, em que tambem foi acolhida com verdadeiro enthusiasmo pelo Governo de Portugal, por acto official de 15 de Maio de 1894.

Para a realisação dos seus intuitos a Sociedade de Geographia de Lisbôa nomeou, desde logo, uma commissão central executiva, que ficou composta dos Srs. F. J. Ferreira do Amaral, como presidente, Luciano Cordeiro e Ernesto de Vasconcellos, como secretarios.

A idéa era realisar a commemoração no dia 8 de Julho de 1897, quarto centenario da partida de Vasco da Gama de Lisbôa; mas por falta de tempo para os preparativos essenciaes e por outras razões, que não vêm ao caso, foi a solemnidade transferida para o mez de Maio de 1898, em que se celebraria, a 17, 18, 19 e 20, o quarto centenario da chegada do notavel navegante a Calicut, na India.

Ainda que se figurasse, com razão, mais consentanea ás vistas de Portugal a segunda data, em que o descobrimento realmente se verificou, todavia a Commissão

Executiva não deixou passar despercebida ou esquecida a primeira data, considerando-a como a do primeiro passo para o grandioso feito, que vinculou para sempre o nome, o esforço e a gloria da nação portugueza á historia do trabalho, do commercio e da civilisação moderna. Tratou portanto de solemnisal-a, e concitou os portuguezes, especialmente as diversas corporações e associações portuguezas a assignalarem condignamente essa data nacional e gloriosa, em que se confirmava a vontade e o culto nacional pela solidariedade, gloria e integridade da Patria.

A Sociedade destinou para esse dia, 8 de Julho de 1897, a inauguração do novo e esplendido Palacio, onde desde então installou a sua séde; e n'uma sessão pomposa, a que assistiu a Augusta Familia Real, e que foi presidida por S. Magestade o Rei D. Carlos, Presidente Honorario, foi inaugurada a nova séde da Sociedade e iniciadas as festas do centenario em commemoração dos feitos da expedição naval, que sob o commando de Vasco da Gama descobrio o caminho maritima da India.

Prepararam-se desde então, todas as forças vivas da nação para darem o maior esplendor ás festas de Maio de 1898. O programma geral, cuidadosamente discutido e organizado, teve a sancção do governo, foi publicado e enviado ás associações congeneres.

De accôrdo com esse programma, realisou a Sociedade de Geographia de Lisbôa, com desusada pompa, em 16 de Maio de 1898 uma sessão solemne, congratulatoria e commemorativa, sob a presidencia de S. M. o Rei de Portugal, achando-se representado todo o mundo official de Lisbôa e comparecendo as notabilidades nas sciencias, nas artes e no jornalismo portuguez, bem como as autoridades provinciaes.

Todo esse dia foi festivo; em terra e no mar as

festas succederam-se, estendendo-se pelos dias 17, 18, 19 e 20, em que foram encerradas.

Quasi todas as sociedades de geographia estrangeiras se fizeram representar por seus delegados, na sessão do dia 16, imprimindo assim ás festas um character internacional, e correndo a darem á sua co-irmã o maior testemunho de sympathia á sua causa, e ao povo portuguez o de solidariedade em um commettimento, que o colloca em glorioso logar na historia da civilisação.

Os proprios governos alli se fizeram representar, provando assim bem apreciar quanto o descobrimento do caminho maritimo para a India concorreu para beneficiar o commercio da Europa.

Em alguns paizes, as sociedades de geographia não se limitaram a se fazer representar nas festas de Lisbôa; foram mais longe e organisaram no seu seio sessões commemorativas, em que se fizeram ouvir notaveis oradores sobre assumptos adequados aos acontecimentos que se celebravam.

— A Sociedade de Geographia de Pariz, realisou, em homenagem ao grande feito portuguez, uma sessão solemne presidida pelo venerando sabio Mr. Milne Edward, Presidente da sociedade, tendo á sua direita o illustre Ministro Portuguez Sr. Thomaz Rosa; e perante a prestigiosa assistencia das personalidades notaveis do alto mundo intellectual e elegante de Pariz, foram ouvidas tres importantes conferencias, sendo:

A primeira pelo Sr. Henri Cordier, que fez um resumo historico, muito documentado, do estado politico da Europa e da Asia, antes e depois da viagem do navegador portuguez. Relembrou a luta entre Genova e Veneza; os tres caminhos da Asia oriental, que então se tomavam; os combates do Christianismo e do Islão sobre o espirito e o commercio do mundo; a viagem de Marco

Polo; as missões militares e religiosas da Europa; e terminou pelo elogio, tão pomposo quanto merecido, do valor e da sciencia maritima dos portuguezes.

A segunda coube ao Tenente da Armada Franceza Sr. Emile Vedel, que, referindo se a Christovão Colombo e a Vasco da Gama, disse:

« Christovão Colombo seguira caminho, sem dado e informações ácerca do oceano, cuja amplidão mal apreciára.

« Vasco da Gama, esse sabia, pouco mais ou menos, para onde fazia a derrota, mas haviam de enganar-o os Arabes, e teria de lutar com os cyclones do Oceano Indico e mil outros accidentes para lograr emfim descobrir a India.

« Na volta, a viagem foi penosa, vendo o grande Almirante fallecer de escorbuto varios marujos da tripulação, e perdendo o seu irmão Paulo nos Açores.

« Ao chegar ás aguas do Tejo foi recebido com grandes festas, que se estenderam por todo o Portugal ».

A terceira coube ao Sr. Marquis de Marzelière, que fez a historia da India na época da viagem de Vasco da Gama, referindo-se especialmente aos cultos e ás religiões, aos poemas indianos e de passagem á sua arte.

As conferencias foram acompanhadas de projecções de luz electrica sobre photographias, e produziu estrepitoso entusiasmo, quando o quadro representou a maravilhosa torre de Belém, a fachada dos Jeronymos e principalmente o seu supremo claustro, um dos mais bellos do mundo.

— Na *Nouvelle Sorbonne*, em Pariz, houve tambem uma festa solemne, em commemoração do descobrimento da India.

A respeito d'esta festa escreveu o *Petit Journal*: « Esta cerimonia, por motivo das numerosas sympathias, que

conta em França a Nação Portugueza, assumiu o caracter de uma grandiosa manifestação ».

N'ella tomaram a palavra o Sr. Jansen, membro da Academia de Sciencias e presidente do *comité* francez em honra do centenario; o Sr. Souza Rosa, Ministro portuguez em Pariz; o Sr. Gabriel Mocel, que tratou da vida e obra de Vasco da Gama; seguindo-se a parte artistica da festa.

— Na Sociedade de Geographia de Marseille, o Sr. Henri Barré fez uma conferencia sobre o heróe portuguez e o imperio colonial lusitano.

— Na Sociedade de Geographia de Toulouse festas analogas se realisaram.

— Na Sociedade de Geographia de Lille, os boletins da Revista trouxeram referencias ao centenario da India.

— Na Belgica, a Sociedade Real de Geographia d'Anvers fez uma sessão especialmente consagrada a comemorar o 4.^o Centenario da India.

A esta Sociedade juntou-se o Club Africano, que patenteou as suas sympathias ao grande acontecimento, que se celebrava.

— Na Italia, Hespanha e em outros paizes identicas provas de sympathia a Portugal foram dispensadas, em honra ao 4.^o Centenario.

— Entre nós, além das festas promovidas pela Grande Commissão Portugueza e que se realisaram no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, das do Club Gymnastico Portuguez e de outras, registraram-se a sessão solemne do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a sessão especial da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, a mensagem do Club de Engenharia e outras.

— A sessão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro teve logar pouco antes da época marcada para as solemnidades em Lisbôa, sob a presidencia do Sr. Marquez de Paranaguá, que proferiu a seguinte allocução:

« Grandes festas se preparam em Portugal e nas suas colonias para solemnisar, como merece, o facto glorioso do descobrimento do caminho maritimo da India, descobrimento levado a effeito por Vasco da Gama, o mais celebre dos navegadores portuguezes, acompanhado por outros esforçados lusitanos em que *poder não teve a morte*, na phrase do immortal Camões.

« Aberto pelo inclito Gama o caminho maritimo das Indias, que era a mais ardente aspiração das potencias européas do seculo XV, o pavilhão das Quinas tinha necessidade de tremular no Oriente, cercado de brilho e de respeito sufficiente para abafar os ciumes e as resistencias que tão estrondoso acontecimento para logo despertara. D'ahi a necessidade de novas expedições que se seguiram e a descoberta casual da Terra de Santa Cruz, do nosso Brazil, por Pedro Alvares Cabral, companheiro e intimo amigo de Vasco da Gama.

« Como se vê a nossa historia prende-se ao grande commettimento, cujo 4º Centenario Portugal vai solemnisar com toda a pompa. »

E depois de outras considerações, conclue:

« Parece pois conveniente que a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro se faça representar nas festas de Lisboa por uma commissão de seus membros. »

As palavras do Sr. presidente foram cobertas de prolongados applausos, sendo em seguida nomeada a commissão para representar a Sociedade nas festas da Sociedade de Geographia de Lisboa, a qual ficou composta dos Srs. Dr. João Pereira Monteiro, lente cathedratico de S. Paulo; J. Vieira da Silva, consul do Brazil em

Lisboa, e José Calmon Nogueira Valle da Gama, consul do Brazil no Porto.

Na mesma occasião foi nomeada para representar a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro nas festas promovidas pela Grande Commissão Portugueza no Gabinete Portuguez de Leitura e pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, uma grande commissão composta dos socios Marquez de Paranaguá, Barão do Loreto, Barão de Alencar, Barão Homem de Mello, Conselheiro Souza Ferreira, Conselheiro Mauricio de Barros, Dr. Castro Carrera, Capitão de Mar e Guerra Calheiros da Graça, Dr. Paula Freitas, Commendador Oliveira Catramby, Dr. Elpidio de Mesquita e Monsenhor Vicente Lustosa.

— Na sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, proferiu o Sr. Marquez de Paranaguá o seguinte discurso :

« A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, nutrido, assim como o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, os mais puros sentimentos de fraternisação para com a nobilissima nação portugueza, julgou do seu dever fazer-se representar n'esta solemnidade, com que o Instituto Historico quiz, tambem, commemorar o 4.º Centenario do descobrimento do caminho maritimo das Indias, levado a effeito por Vasco da Gama, o mais celebre dos navegadores portuguezes.

« A Commissão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, da qual faço parte minima, compõe-se (como acima).

« Aqui reunidos, muito folgamos de poder affirmar, perante esta illustrada Associação e o selecto auditorio, a nossa adhesão ás eloquentes manifestações que V. Ex., Sr. Presidente, e o digno orador official acabam de fazer, por parte do Instituto Historico, a respeito do grande feito naval dos heroicos Portuguezes, nossos antepassados.

« O famoso acontecimento historico que Portugal hoje celebra com festas esplendidas encontra echos sympathicos em todos os paizes, pela influencia extraordinaria que teve na civilisação, na sciencia, nas relações commerciaes e na politica do mundo.

« Mas a parte que nós, os Brazileiros, tomamos n'estas manifestações jubilosas, é tanto mais legitima, quanto do facto da navegação nascente de Portugal para o Oriente originou-se o descobrimento do nosso Brazil por Pedro Alvares Cabral, amigo intimo do inclito Gama.

« E pois, seja-nos permittido neste momento, dirigindo a S. Ex. o Sr. ministro de Portugal os nossos respeitosos cumprimentos, solicitar de S. Ex. a graça de transmittir a S. Magestade Fidelissima, o Rei Senhor D. Carlos, e a seus compatriotas, as mais cordeaes congratulações da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, pela admiravel empreza, em cuja recordação se associa ao nome de Vasco da Gama o do insigne cantor Luiz de Camões, immortalizando a gloria do Povo Portuguez. »

— No Gabinete Portuguez de Leitura, a festa teve a solemnidade e o brilhantismo condignos do grandioso objecto.

O edificio do Gabinete foi perfeitamente escolhido para esse fim, porque elle é a mais antiga instituição fundada pelos portuguezes residentes no Rio de Janeiro.

A sessão foi presidida por S. Ex. o Sr. Encarregado de Negocios de Portugal, tendo á sua direita o Sr. Consul Geral de Portugal, e á esquerda o Sr. Conselheiro Ernesto Cybrão, seguindo-se de ambos os lados os outros membros da Commissão do Centenario.

Foi orador official da festa o Sr. Dr. Zeferino Candido, seguindo-se-lhe os Srs. Dr. Ramiz Galvão e Olavo Bilac, os quaes tambem oraram durante a sessão.

Compareceram á sessão varias associações scientificas, litterarias e artisticas do Rio de Janeiro.

A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro achou-se representada pela sua commissão.

— Na sessão solemne effectuada em Lisboa, foi proferido pelo Sr. Dr. João Pereira Monteiro, membro da commissão nomeada pela nossa Sociedade de Geographia, o seguinte discurso que foi muito applaudido pela assembléa.

Discurso do Sr. Dr. João Pereira Monteiro, membro da Commissão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, nas festas do 4.º Centenario do caminho das Indias, na Sociedade de Geographia de Lisboa.

Real Senhor. Reaes Senhoras. Minhas Senhoras. Meus Senhores.

Aqui vimos — os Srs. Vieira da Silva e José Calmon, consules da Republica dos Estados Unidos do Brazil em Lisbôa e no Porto, e eu — em commissão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo e do da Bahia, a trazer-vos entusiasticas e sinceras ovações — honras solemnes que a nós mais nos honram, e tão elevadamente, que nos sentimos em parallelo com os mais altos ideaes das nossas mais arrojadas aspirações.

Vimos a dizer-vos, que n'este turvo penultimo bruxolear do seculo, quando as sociedades politicas, impulsionadas, dominadas por desordenada effervescencia de phenomenos economicos cada vez mais afinados consoante a irremovivel realidade da lucta pela existencia individual ou singular, parece que se abeiram já do tectrico abysmo de medonha liquidação; quando o socialismo, que algures

denominei a ante-sala do anarchismo, ou venha pelos reaccionarios livros de Karl Marx e de Naquet, seus legitimos patronos, ou irrompa sanguinolento do punhal de Caserio Santo ou da bomba de Ravachol, seus vesanos deturpadores, está como que derrocando as ultimas e já quasi deslocadas pedras dos institutos legaes; quando as regras basicas do direito internacional, que a utopica concepção do illustre Bluntschli sonhou articular em coactivo codigo universal, acabam de supportar, pela ponderosa palavra do muito illustre primeiro ministro da primeira potencia naval do mundo, aspero baldão, temerario desafio; quando as proprias areias do oceano, por sobre cujas avermelhadas ondas já começa a correr humano sangue, como que se revoltam contra a mais injusta guerra dos modernos tempos, e no largo céu do nascituro seculo como que se abrumam os resplendores da esperanza pelo pesado espolio d'este terrivel momento historico — a vossa festa, senhores, tem tão elevada significação moral, tanto se avoluma em seu alcance politico e cresce no esplendor com que nos está deslumbrando, que mais não fôra preciso para irreplicamente attestar ao mundo inteiro a irreductivel pujança do vosso indomito e inapagavel patriotismo.

Eis o que viemos vos dizer.

Mas na diffusão d'estes clarões, que fascinam; no meio d'estes braços, armas, escudos, estatuas, effigies, mappas — vivas insignias de vossos passados triumphos, fecundos emblemas de vossas memoraveis e immorredoiras glorias; na presença da augusta magestade dos vossos nobilissimos soberanos, a quem a Republica Brasileira se encadeia por fortes élos de logica sympathia: a Sua Magestade El-Rei, porque lhe corre nas veias sangue de Aquelle que nos deu a Independencia, a Sua Magestade a Rainha, porque em seu nome refluem reminiscencias da

França, em cujos codigos bebemos, a largos haustos, os grandes principios da liberdade, da igualdade e da fraternidade, que são, na valente phrase de Victor Hugo, os tres degraus da suprema escadaria da dignidade humana ; diante da mais selecta reunião do que Lisboa conta de insigne na politica, nas armas, nas sciencias, nas letras e nas artes — sinto-me tão incerto no jogo da palavra, tão debil na actividade imaginativa, que peço venia para ser brevissimo, e, para que não me lapideis a ousadia, apadrinho-me com este tercetto do famoso poeta florentino :

Ma chi pensasse al ponderoso tema,
E l'omero mortal che se ne carica,
Nol biasmerebbe se sott'esso trema.

O homem, disse eu uma vez no senado paulista, é escravo do meio em que vive : pensa e age á feição do vento que está soprando, e o seu ser vibra consoante a nota tonica do dia. E eis-me fatalmente assim levado, n'esta hora de angustias internacionaes, a vêr em vossa sumptuosa festa o mais nobre, o mais eloquente, o mais persuasivo protesto contra o ultimo discurso da *Primrose League*, a que já fiz allusão.

Relembrem os vossos academicos os gloriosos feitos dos vossos ousados mareantes ; do inexgotavel pantheon dos vossos heroes, avivem elles as grandiosas linhas de suas proporções homericas — a nós hospedes da vossa captivadora gentileza, só nos cabe affirmar-vos, em rapida synthese e com a imparcialidade de estrangeiros, que a feição internacional do vosso centenário é esta : mostrar que a lei darwinistica da selecção natural, pelo genio inglez applicada a quaesquer phenomenos do dominio biologico, lei que, por alguns professores contemporaneos,

como Cogliolo, é considerada apenas como hypothese no mundo dos phenomenos juridicos, chega a ser impossivel quando, como acaba de pretender lord Salisbury, pretexta estender-se ás collectividades politicas, ás sociedades historicamente consolidadas.

Oh, não! Se no mundo zoologico, por exemplo, de um primitivo estado de amorphismo e homogeneidade para outro de meteromorphismo e heterogeneidade, todos os seres passam evolutivamente, isto é pela selecção natural, o que quer dizer, pela absorpção do mais fraco no mais forte, o que equivale ainda a dar como certo, pela acção combinada de forças phisicas e chemicas staticas e dynamicas; se o assombroso genio de um Hœckel pôde, manejando com a sua concepção monistica do universo, encadear successivamente os varios protoplasmas da cosmologia universal, de modo a desapparecerem por completo os seres intermedios — aqui, n'esta hora de sumptuosidades nacionaes, em que na magestosa cupula da vossa historia rutilam as luciferas constellações do valor indomito na guerra, da intrepidez temeraria na navegação, da perfeição sublimada nas lettras, e particularmente para nós, juristas da razão immácula no Direito, que é o soberano substractum de toda a phenomenalidade sociologica — quando nos sentimos a pisar a terra onde João de Barros, que para o vosso saudoso inimitavel Latino Coelho, foi o Heródoto portuguez, disse, ao rememorar feitos patrios, que, tanta era a grandeza d'elles, só por decreto da Divina Providencia poderam succeder — terra abençoada, d'onde irrompeu, por tres seculos successivos, o luminoso raio que hoje alinha a maior extensão geographica do globo; raio enorme, que enlaçou a Asia, a Africa e a America, como se realmente as estrellas de Zacuto houvessem presidido aos vossos feitos — feitos sem exemplo no preterito, como sem copia no porvir;

terra prodigiosa, que houvera descoberto a America se não fôra a desmentida descrença de D. João II, aliás cognominado o *Principe perfeito*; que mandou Cabral produzir a ditosa patria minha amada luxuoso alcáçar da mais polymorphicamente bella natureza que jámais sahiu das eternas officinas do eterno creador dos mundos — perennemente illuminada pela preexcelsa das constellações austraes, o que foi motivo da escolha do nome que lhe poz o vosso valoroso capitão, e a que o preexcellente epico, tambem vosso, allude no verso reproduzido ali n'aquelle artistico tecido.

De Santa Cruz o nome lhe poreis, terra portentosa, que teve como reis D. João I, de Boa Memoria, D. Duarte, o Eloquentes; D. Affonso V, o Africano; D. Manoel, o Venturoso — ousados promotores de descoberta e conquistas civilisadoras: que, pela intrepidez de seus navegadores, tão hartos na audacia quão seguros no engenho, largamente transformou os tratatos de Aristoteles e as taboas geographicas de Ptolomeu, e assim como Pygmalião, o estatuario, dos amorphos blocos do hellenico marmore fez brotar as luxuriantes fórmãs da sua adorada Galathéa, arrancou dos insondaveis abysmos do infinito oceano, *por mares nunca d'antes navegados*, e Ceuta, e Porto Santo, e a Madeira, e os Açores, e o Cabo Verde, e o Cabo de Boa Esperança, e as Indias, e o meu preeminente e estremecido Brazil, e *mais mundo houvera lá chegára*; terra privilegiada, que na poesia teve Camões, na historia Alexandre Herculano, no romance Camillo, no theatro Almeida Garrett, na jurisprudencia Mello Freire, e, ainda hontem, na sciencia Sousa Martins; oh, não! terra que assim, do Senegal ao Cabo da Boa Esperança, de Ormuz a Macau, do Amazonas ao Prata, deixou impresso o signal do seu valor, e na galé, a remos, na nau, a vela, e em todas as fórmãs dos vossos aventureiros vasos — ga-

leões, bastardas, subtis, fustas — pela voz atroadora da vossa artilheria — aguas, sacres, falcões, pedreiras — foi cravar o marco da civilisação nas escuras regiões da barbaria inconsciente e, pelo sopro do seu poder juridico, inoculou o Direito onde só a força brutal de humanas feras dominava; terá assim forte, assim civilisadora, assim rica dos dous mais preciosos thesouros do mundo physico e do mundo moral — a luz e o direito — terra assim de tanto prodigio não enfraquece, nem póde morrer jamais!

E se acaso — recuada a humanidade até sotopôr-se á cannibalesca concepção de Hobbes : *homo hominis lupus* — fosse possivel que os precursores clarões do seculo XX traçassem na primeira pagina da futura historia rubra de sangue, como de sangue é a lembrança dos barbaros de Tamur-Lan e Gengis-Khan, este pendão de guerra, reedição do *in armis jus ferre et omnia fortium virorum esse*, de Tito Livio, feroz emblema das primitivas escuridões romanas : esta formula pathologica de politica esmagadora — *la force prime le droit* — se isso fosse possivel, então, illuminados pela vossa glorificação de hoje, todos os povos da latina raça se levantariam para dizer ao vosso amado Portugal : Desferi as velas da vossa historia, e, endireitando o rumo para as bandas d'onde emerge o sol da justiça eterna, ide a trazer de lá os vossos heroes, enfileirae-os deante do mundo inteiro, que deante d'elles a força recuará de si propria abatida : e emquanto vos sentirdes cada vez maiores, maior ainda rolará o mundo na orbita dos seus destinos, porque então o direito estará brilhando em toda a pureza de seu magnifico esplendor !

EXPLORAÇÃO DO RIO TOCANTINS

Parecer apresentado á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro pelo Dr. Antonio de Paula Freitas, e approved em sessão de 27 de Dezembro de 1898, sobre a Memoria acerca da exploração do rio Tocantins pelo Engenheiro Dr. Ignacio Baptista de Moura.

Um trabalho importante acaba de ser confiado á apreciação d'esta Sociedade pelo nosso compatriota e digno consocio, engenheiro civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, Dr. Ignacio Baptista de Moura. Tem por objecto a descripção da viagem de exploração que fez pelo rio Tocantins até a sua confluencia com o Araguaya, e uma ligeira noticia d'estes rios até as suas nascentes.

Foi em 1896 que o illustrado consocio se achou incumbido de tão importante missão pelo Governo do Pará. Partindo de Belém no dia 4 de Março d'aquelle anno, voltou a essa cidade em meados de Abril seguinte, e após outras viagens e novos estudos deu prompto o seu encargo a 14 de Abril de 1898, isto é, 2 annos, 1 mez e 10 dias de trabalho, ora arriscados e perigosos no campo, como affanosos e scientificos no gabinete, mas sempre uteis e importantes para a nossa patria.

O distincto compatriota descreve com a maxima sollicitude a sua viagem, e junta-lhe varias photographias, quer da zona que percorreu, salientando tudo que de

mais edificante ella offerece sob o ponto de vista geographico e geologico, e suas riquezas naturaes, vegetaes e mineraes, quer dos indigenas e tribus que encontrou, bem como varios apontamentos sobre os respectivos dialeticos, quer dos instrumentos e objectos que mereceram a sua attenção, e realmente mais impressionam a curiosidade e a imaginação dos que acompanham com interesse a leitura do trabalho.

Todos quantos se preocupam com o desenvolvimento da nossa patria, e contemplam com pezar as zonas extensas que ella ainda apresenta desertas e em completo estado de barbaria, não podem deixar de avaliar devidamente os esforços ingentes do nosso compatriota, e as privações que soffrera em tão espinhosa missão.

São trabalhos estes que não pódem ficar esquecidos, ou ignorados dos brazileiros, nem abandonados dos poderes publicos, porque em todo o tempo constituem fontes preciosas para outros de maiores applicações e especialmente para as communicações atravez do extenso territorio nacional.

O distincto explorador trata presentemente de fazer imprimir o seu trabalho, e para esse fim veio ao Rio de Janeiro, tendo já obtido do Governo do Pará como auxilio a quantia de dez contos de réis.

E' sem duvida um auxilio poderoso, que bem demonstra quanto o Estado do Pará reconhece a utilidade do trabalho do Dr. Moura e as vantagens que d'elle advirão para o conhecimento da zona explorada, estudada e descripta de sorte a desvendar os seus sertões, e convertel-os em campos nas condições de serem occupados por colonos ou por nacionaes, que n'elles procurem meios de dar expansão á sua actividade.

Accresce que um problema congenere emerge, ha alguns annos, entre os de elevada importancia para nós ; qual

o de ligar o planalto de Goyaz aos grandes portos do Brazil, afim de que, ligado que seja o mesmo planalto ás republicas do Pacifico, se consiga a communição inter-oceanica na America do Sul : problema este d'um alcance elevado e de effeitos internacionaes que muito devem merecer a attenção da nossa patria.

Pondo de parte certos detalhes mais ou menos conhecidos, mas que entretanto não apparecem em outras producções narrados com igual methodo, o original que a Sociedade de Geographia tem sob suas vistas, proporciona dados curiosos, de aturado estudo e pacientes investigações ; e para reconhecer quanto merece a descripção feita pelo Sr. Dr. Ignacio Moura, bastará a seguinte resenha dos seus dezeseis capitulos :

— O primeiro capitulo é dedicado pelo autôr ao desenvolvimento da cidade de Belém, ás condições geologicas, hydrographicas e orographicas desde Belém até a ilha de Marajó. São descripções que illustram o espirito, e trazem á lembrança os trabalhos e estudos alli já feitos pelos Srs. Barão de Marajó, Ferreira Penna, e outros notaveis compatriotas.

— O segundo capitulo destina elle ao estudo comparativo das communições possiveis entre Belém e o rio Tocantins, das cidades, povoações que existem de per-meio, culturas e industrias que ahi se acham em exploração, especialmente a cultura da mandioca, da borracha, do cacau e do fabrico da farinha ; para esse fim, não deixa esquecida a rede de canaes, riachos ou ribeiros por onde se effectua essa communição, como se fosse providencialmente estabelecida para facilitar o transporte dos productos naturaes da região. Entre as cidades e povoações que aponta, encontra-se a cidade de Abaeté, a respeito da qual o illustrado consocio lembra uma observação devida ao Sr. Amanajá e que deve interessar á

Sociedade: «Moreira Pinto nos seus *Apontamentos para o Dictionario Geographico do Brazil*, tratando da villa de Abaeté, e guiado sem duvida por informações deficientes, dá como um dos rios que regam o municipio o de nome Maratauyra que não existe. O que ali se conhece com o nome de costa do Maratauyra é uma parte das margens do Meruhú, o principal rio de Abaeté, e que confusamente vem n'aquelle Dictionario sob aquella denominação.»

«Tambem Baena (continúa o illustre consocio) no seu *Ensaio Corographico sobre o Pará*, tratando da outr'ora villa de Beja, diz estar situada na entrada do rio Abaeté, o que não é exacto; a distancia entre a villa de Beja, e a foz do Abaeté é de pouco mais ou menos uma legua. Entretanto os limites d'aquelle freguezia estão perfeitamente discriminados na noticia de Baena.»

— O terceiro capitulo é uma continuação do procedente, mas descreve especialmente a cidade de Cametá, uma das principaes no primeiro trecho de Tocantins, a sua fundação, o seu desenvolvimento e o commercio que explora.

— O quarto capitulo comprehende ainda varios estudos sobre Cametá e a parte do rio Tocantins até a cidade de Mocajuba, ora demorando-se na descripção dos archipelagos de que se acha o rio alli repleto, ora na das povoações e logarejos marginaes, na riqueza e abastança do rio em peixes, o que deu logar ao estabelecimento de industria da pesca, nas especies mais notaveis e o confronto d'estas especies com as do Amazonas, os meios e recursos empregados pelos habitantes, e as industrias que alli se podem installar. E' uma descripção curiosa, e util, que muito impressiona e deleita o leitor.

— No quinto capitulo prosegue na mesma descripção amena e trata de novos outros logares mais importantes

do Tocantins, especificando a garganta de Marariá, a cidade do Baião, S. Joaquim ou Itaquára, muitas ilhas entre as quaes as de Bacury, Jutahy, etc., lagos que nas margens apparecem, a fauna, a flora que n'essa região attrahem o viajante até chegar a Alcobaça.

— O sexto capitulo é destinado a esta povoação, importante pela sua posição, e por ter sido escolhida para o ponto inicial da Estrada de Ferro projectada pela Companhia Viação Ferrea e Fluvial do Tocantins e Araguaya. Alcobaça é pois um ponto de grande futuro para as regiões dos dois grandes rios, e por isso o autor a descreve nas tres phases porque tem passado: antes de começarem os trabalhos da via ferrea; por ocasião de ser encetado o serviço do estudo e exploração; e após o desastre da Companhia que devia leval-a a effeito. Refere-se em taes estudos ao roteiro que o nosso pranteado Consocio General Couto de Magalhães na sua obra — O selvagem — dá dos Jesuitas do Paraguay, quando seguiram d'este paiz para o Pará com o fim de estreitarem as suas relações com os d'esta antiga provincia do Brazil, e segundo o qual os governos do Imperio se guiavam em certos estudos relativos ás commissões pelos dois citados rios.

Não omitte considerações valiosas e de grande interesse sobre o contracto de 24 de Outubro de 1890 eutre o Governo provisorio da Republica do Brazil e o engenheiro Marechal Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim, as vantagens d'esse contracto, os trabalhos a que elle deu lugar, a intervenção do governo do Pará, o relatorio do engenheiro fiscal, e a suspensão dos trabalhos, a cujo proposito estende-se em varias reflexões acerca dos prejuizos que advêm para a localidade em virtude da falta de promptas communicações.

— O setimo capitulo contém a descripção de outros

pontos acima de Alcobaça, entre os quaes a ilha de Santos, o sitio S. Francisco e outros, as corredeiras que então o rio começa a apresentar e o modo curioso de as vencer. A proposito cita a variedade enorme de cobras que a região ahi apresenta, e as lendas que a tal respeito ahi predominam no espirito dos habitantes, as crenças fetichistas do povo ignorante e a completa falta de instrução; e depois de varias peripecias que dão ao trabalho incontestavel merito, termina o capitulo com a chegada á povoação de Arumatheua.

— O oitavo capitulo é curioso pelas cachoeiras, que descreve, ao longo do Tocantins, entre as quaes especialmente a das Guaribas, Vita æterna, Tucumanduba, e assim outras menos importantes; ao mesmo tempo pelas ilhas que são encontradas, pelos canaes e barras, pelos innumeros riachos e ribeiros d'um e outro lado da margem, pelo encontro com os indios Tapiris, pelas lendas que por alli ainda predominam no espirito da população escassa e extremamente ignorante, e assim chega ao lugar denominado Areião.

— O capitulo nono contém o proseguimento descriptivo do alto do Tocantins acima de Areião até Itaboca repleto de cachoeiras entre as quaes a do Inferno tão inacessivel quanto bella, a de Itaboca, e a do Correão, varios pontos das margens, a notavel fauna e desenvolvida flora, assim como os encontros com indios entre os quaes dous indios Cherentes, a cujo respeito desenvolve considerações de valor sobre a catechese.

— O capitulo decimo descreve ainda o alto Tocantins e sua immediação desde Itaboca até a ilha e travessão do Piquiá, onde novas narrações sobre o rio e suas margens riqueza florestal e fauna, os escassos habitantes, e especialmente os indios Carajás, impressionam o leitor.

— O capitulo decimo primeiro é importante pelas ilhas

em grande numero que o rio apresenta, e podem ser exploradas com vantagem ahi tambem lê-se a descripção dos celebres indios Gaviões, que aliás se mostram aptos para uma facil catechese. O capitulo termina com a chegada á ilha da Rainha.

— O capitulo decimo segundo trata de toda a extensão do alto Tocantins até a confluencia do rio Itacayuna: refere-se ao lago Vermelho, á lenda a respeito d'esse lago, ás povoações que o rodeiam, seus hábitos, sua alimentação e a muitos outros assumptos de interesse para a região, e para os burgos que alli se tem procurado crear.

— O capitulo decimo terceiro abrange o alto Tocantins até a confluencia do Araguaya. E' um trecho entrecortado de cachoeiras, que apresentam formidaveis obstaculos á navegação até a referida confluencia: descreve a colonia militar de São João do Araguaya, e a decadencia em que jaz.

— O capitulo decimo quarto é reservado á descripção sobre os rios Tocantins e Araguaya. A respeito do rio Araguaya, descreve a sua importancia, os exploradores que o tem percorrido, a ilha do Bananal, os affluentes que recebe, a sua navegabilidade, os campos e as communicações com Matto Grosso.

No mesmo sentido faz a descripção do Tocantins, acima da confluencia e estende-se em considerações geologicas sobre o valle por elle formado, e o planalto Goyano em que o Tocantins e o Araguaya tem suas nascentes. A proposito, entende-se em considerações judiciosas ácerca dos ramos principaes dos indigenas d'aquellas paragens.

— Os dous ultimos capitulos são destinados á volta, e novas peripecias são descriptas quer em relação ás paragens, quer aos perigos e riscos que o nosso consocio e seus companheiros correram n'esse percurso até a chegada a Belém.

Deduz-se evidentemente d'essa descripção que o trabalho do nosso digno compatriota, comquanto refira-se a uma zona do Brazil que tem sido percorrida por varios exploradores, apresenta com methodo, toda a minudencia, e solitudine, a descripção historica do alto Tocantins até a confluencia do Araguaya d'essa parte do grande rio eivada de innumeras cachoeiras e obstaculos invenciveis á navegação, que se interpõem ao baixo Tocantins desde Alcoboca e aos trechos superiores, quer do proprio Tocantins, quer do Araguaya e seus confluentes de ampla e facil navegabilidade até o territorio de Goyaz e Matto Grosso.

E' pois mais um contingente que para o conhecimento perfeito dos nossos sertões e da hydrographia e orographia do Brazil nos vem trazer o nosso illustre consocio o Dr. Ignacio Baptista de Moura, e que se collocará ao lado de trabalhos congeneres, como os do Baena, Couto de Magalhães, Severiano da Fonseca, Pimenta Bueno, Tapajós e outros, cujas produções hoje acatamos e apreciamos sempre que a oportunidade se offerece de consultal-os, com interesse para o estudo dos melhoramentos materiaes de que tanto ainda carece a nossa patria.

E' pois de muito justa applicação o auxilio que á sua impressão já destinou o Estado do Pará, mas não convem regatear esses auxilios: devem elles ir até a inclusão, no texto da obra, das photographias e desenhos que o distincto consocio já juntou ao original e aquellas que talvez com receio de oneroso custo julgou dever supprimir.

Não; o patriotico governo do Pará não deve deixar a meio a impressão de um trabalho que será digno de figurar nas bibliothecas do paiz e em todas as nações civilisadas que acompanham com vivo interesse taes descripções. E assim como, anima, auxilia e protege com todo o fundamento os trabalhos de Condreau, a respeito

da região Amazonia, não deverá regatear a animação, auxílios e protecção que o trabalho do Sr. Dr. Moura bem merece, afim de não apparecer esse trabalho, á luz da civilização, truncado e incompleto.

Sala das sessões, em 27 de Dezembro de 1898. Dr. *A. de Paula Freitas.*

RIO NEGRO

Villa de São Gabriel. — Curiosidades naturaes. — Costumes dos indios.

(Extrahido de « A Provincia do Pará » de 3 de Outubro de 1898)

Jurupary

Este nome é o mais respeitado entre os indigenas do rio Negro e representa uma seita ou especie de maçonaria que não é dado a todos conhecer, especialmente as mulheres e rapazolas.

Jurupary, que quer dizer *diabo* na lingua indigena, é um instrumento feito de casca de páu-verde, imitação de uma trombeta. Fazem-n'o sempre em dois pares, um de 30 centímetros de comprimento e outro de 70, mais ou menos.

O som d'este instrumento produz extranho pavor a quem sobretudo o ouve pela primeira vez causando ás mulheres grandes sustos e calefrios.

No *dabucury*, dança predilecta dos indios e da qual mais adeante falaremos, o *jurupary* toma logar saliente entre todos os instrumentos da sua especie; mas, por emquanto o nosso intuito é definil-o e dar-lhe a origem, de accôrdo com as observações feitas.

Rezam as lendas que em tempos idos existia uma rapariga nova e elegante da tribu *Banina*. Esta rapariga era tida como infecunda, e mulheres taes os indios comiam em banquetes, entre risos e folguedos, na festa que elles denominavam *dabarú*, que significa *quebra cabeça*.

Depois de bem alimentada, era a infeliz conduzida ao banho, voltando para a casa em procissão por cima de folhas verdes préviamente espalhadas pelo carreiro do caminho.

Em determinado logar estava preparado o *dabarú*, armação em fórmula de *mundé*, feita de madeira rija.

Faziam a moça passar por baixo d'este madeiro e por cima da armadilha, em cuja occasião, desarmando instantaneamente, matava a destinada ao festim; mas, preparando os indios um *dabarú* para comerem tão formosa rapariga, aconteceu que esta passou e repassou sem que desarmasse a arma homicida, sempre infallivel em taes emergencias.

Os indios, mais assustados do que admirados, consideraram esta mysteriosa rapariga uma deusa, que como tal os ficou d'ahi em deante dominando.

Longos annos passaram-se sob o imperio d'esta mulher extraordinaria; mas não supportando os indios que uma *cunhã animim* (mulher velha) continuasse no apogeu da fama a os governar, resolveram matal-a, como de facto mataram-n'a, envenenada. Organizada, acto continuou, uma junta, determinaram que quatro dos seus companheiros fôsem ao matto fazer o *jurupary*, aguardando ordens, e horas depois enviaram um emissario com instrucções para regressarem tocando o instrumento.

Em ouvindo os sons convenceram os indios as *cunhãs* de que aquillo, a resoar medonhamente, era a alma da velha *cunhã* que ahi vinha, e que, como recurso unico, restava-lhes a fuga, a que accederam incontinenti, guar-

dando ellas até hoje o mesmo tradicional terror ao *jurupary*.

E' -lhes vedado ver esse instrumento, e se mesmo involuntariamente o vêm, são mortas envenenadas, mais dias menos dias.

Occorre aqui referir um facto que não é lenda nem anedota.

O emissario frei José Maria Villar, que esteve pelos annos de 1880 na povoação do *Taracúa*, no rio Waupés, não se conformando com estes costumes, mandou ás occultas fazer um *jurupary* por um indio de sua confiança. No acto da missa, regorgitando a capella de povo, mórmente de mulheres, ergue a imagem de Christo com a mão direita e o *jurupary* com a esquerda, e virando-se no altar interroga com energia :

— Qual dos dois é mais verdadeiro meus irmãos? E' este, é este — accenava com o Christo.

As mulheres, pelo respeito e medo que consagram ao *jurupary*, cahiram de bruços, occultando o rosto com os cabellos e braços.

Enfurecidos, os indios investiram contra o frade, que se viu na contingencia afflictiva de defender-se com a imagem de Christo, despedaçando-a na cabeça dos aggressores.

Transido de susto e medo, o frade fechou-se na sacristia, cuja porta tentaram os indios arrombar, sendo, porém, detidos por frei Matheus que mais prudente que seu companheiro, conseguiu acalmal-os.

Frei Villar fugiu para São Gabriel, e o indio que lhe fez o *jurupary* foi morto envenenado.

Cariuamã

É uma cerimonia feita á *cunhantã* que passa á idade nubil (*yassú-pissassú*).

Quando a rapariga chega a esse determinado tempo, cortam-lhe os cabellos, mettem-n'a n'um cercado de talas (*pary*) a um canto do logar, alimentando-a apenas com um pouco de beijú com pimenta ou cuiasinha de *caribé* (mingau).

Durante o jejum, que dura 40 dias, os parentes da rapariga mettem-se no matto proximo e ahi não só tocam o *jurupary*, como fazem paneiros, urupemas, balaios, etc., para presentear a nova mulher. Batem timbó no igarapé para apanhar peixinhos, que depois de *soprados* ou curados (*repeiú*) pelos pagés, preparam para comida.

Então a *cunhantã*, ja transformada em *cunhã*, é levada ao banho por dois pagés, que ficam á beira do rio *soprando* a agua para evitar-lhe mal, regressando fresca a comer os peixinhos. Isto feito é conduzida ao terreiro da casa pela avó, mãe ou tia, e ahi um pagé, pisando nas pontas de seus pés, levanta-lhe os braços e outro pagé dá-lhe uma surra de *adaby*, chicote que mais adeante se conhecerá.

O castigo tem por fim dar força á rapariga, que assim fica sendo mulher feita.

Entre os homens dá-se tambem o *cariuamã* com alguma differença: o *curummy-assú*, que é obrigado a contar aos paes as suas sensações, aprende durante o jejum a fazer tudo o que é preciso para os interesses da vida e é levado a ver o *jurupary* pela primeira vez, após demorada surra de *adaby*.

Os indios *pauxyanas*, do Rio Branco, fazem seu *cariuamã* diversamente: a rapariga jejúa sómente 12 dias, deitada em *pissá* (maqueira) atada no tecto da casa, e o rapaz, depois de circumcidado pelo pagé, em cruces, com

tiririca grossa e passar pelo mesmo processo da *cunhã*, casa afinal com esta.

N'esta tribu, que é excepcional, quando morre um dos esposos, o viuvo ou viuva jejúa 8 dias, cobrindo a sepultura com folhas de palmeiras as quaes incendiam para *aquecer* a alma do finado. Tempos depois procedem á exumação e, queimando os ossos, fazem sua *commemoração dos defuntos*, que consiste em misturar as cinzas do esqueleto com o *caxiry*, bebida de que muito usam nas festas.

Dabucury

Os divertimentos dansantes, as festas de toda especie, onde ha *comes* e *bebes*, na expressão do vulgo, chamam-se *dabucury*.

Ha *dabucurys* de fructas, de peixe, de caças, etc., etc., e qualquer d'essas comidas são tomadas como patrono do baile. Representa-as no decurso da festa um *apigána-tuiné* (homem velho) ou *cunhã-animim* (mulher velha), os unicos que, guardando cuidadosamente aquelles pitéos roborantes, fazem a competente distribuição pelos concorrentes.

A bebida alcoolica é o *caxiry*, preparo de mandioca fermentada e com a qual terminam as festas, ordinariamente embriagados, dormindo após ellas uns tres dias.

Como adeante se verá, o *dabucury* produz tres coisas oppostas: — medo, dores e prazeres prolongados.

Antes de romper o baile, que sempre começa ao cair da noite, na entre-vespera ou vespera, os indios mettem-se no matto a procura do *timbiú* (comida-patrono), que preparam no *moquém*, se é caça ou peixe, ou em *pêras*, se são fructas.

A festa é annunciada no dia por meio do *trucano*,

instrumento bem brunido e pintado, de madeiro grosso e ôcco, contendo tres buracos redondos ao comprido e suspenso em rijas cordas entre 4 esteios fincados no pateo do *tucháua*.

O *trucano*, que é um dos mais admiraveis trabalhos d'arte dos indios, pois que é feito de madeiro massiço e esburacado com o auxilio do fogo, é o telegrapho dos indios. Batido com o maço, como é costume, produz um som especial e repercute a grande distancia. O numero de pancadas dadas com o maço significa o que se quer dizer ou transmittir, de malóca em malóca, isto é, se é festa, novidades, diligencia, inimigos, etc., de fórma que no mesmo dia em que se sobe um rio qualquer, corre a noticia em suas cabeceiras por *via-telegraphica-soante* d'aquelle maravilhoso instrumento.

Quando gritamos: — Adeus de casa! — já o indio sabe quem ahi vem, se é *cariua* — autoridade, *sovára* — soldado em diligencia ou finalmente se são inimigos, para os quaes, está previsto, não ha ninguem em casa.

Mas voltemos ao *dabucury*.

No dia da festa, á tardinha, já a casa regorgitando de povo, ouve-se no matto proximo o toque do *jurupary*. Lá está reunido um certo numero de *apiganas*, uns com seus instrumentos, outros a colleccionarem as comidas. A um signal marcham todos em um só pelotão ao som do *jurupary*, acompanhado d'outros instrumentos, cujos sons imitam ora o bramido da onça, ora o grunhido do porco, ora as chilreadas, ora finalmente o coaxar dos sapos.

N'um compasso harmonico e tectrico aproxima-se a banda de musica da festa com os carregadores das comidas, que são depositadas a um canto reservado.

As mulheres correm a fechar-se nos compartimentos escuros para evitar a vista do *jurupary*, cujos medonhos sons sobresaem aos demais.

Ao som d'estes instrumentos dansam os homens algum tempo, correndo depois ao igarapé ou lago para em seu leito esconderem o *jurupary*.

Em seguida a esta formalidade abrem-se as portas e as mulheres, risonhas, tomam parte nos folguedos.

Antes da dança e depois de encerrado o *jurupary*, ha um barbaro divertimento, o *adaby*, chicote bem trançado de cipó, alguns dos quaes contendo presos dentes de piranha na ponta.

No meio do terreiro ergue os braços, nú com se acha, um robusto indio e outro açoita-o a vontade, sendo depois ao castigado cavalheirosamente offerecido o chicote e tomando o fustigante supplicio.

E' voluntaria esta *brincadeira*, que muitas vezes prostra dias e semanas os seus heróes, que, depois de curados, mostram vergões por todo o corpo.

Assistimos a uma d'estas lategadas, e em quanto corria pelos homens nada de maior admiração. Repentinamente irrompe do ajuntamento uma nova e esbelta india, que, postando-se no logar, offereceu suas lindas fórmãs ao *adaby*.

Subiu-me ao auge a indignação quando vi seus contornados seios vergastados pelo terrivel chicote.

No fim d'estas horripilantes funcções, rompe o baile no pateo da casa, formado de grandes rodas ao som das gaitas e cantigas bem entoadas.

Os homens, quando não tocam, empunham o *ambaina*, cacete ôcco de embaúba pintado e com o qual calcam o solo ao som dos cantos, mais ou menos enversados.

Para completar a descripção de todos os costumes dos indios do rio Negro, seria preciso occupar grande espaço, que não nos é permittido fazer nas columnas do illustrado orgão que estas linhas acolhe generosamente.

Fechamos esta tosca descripção com uma verdade que

vale a pena registrar: — os indios do rio Negro, além da bôa indole, são de uma belleza rara na especie, notadamente os dos affluentes *Waupés* e *Içana*.

E' para lamentar que essa bôa porção de brazileiros não commungem ainda comnosco no grande banquete da civilisação.

Belém — 1898.

CESAR PINHEIRO.

Limites do Brazil com a Bolivia

I. CONFERENCIA PELO DR. ANTONIO DE PAULA FREITAS NA SESSÃO DE 1 DE DEZEMBRO DE 1899.

Senhores — Venho occupar esta tribuna para corresponder aos intuitos do nosso digno Presidente, o Sr. Marquez de Paranaguá, expondo, perante a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, os factos que têm attractado a nossa attenção a respeito da importante questão dos limites entre o Brazil e a Bolivia.

Cumpro com tanto mais prazer este encargo, quanto entendo que, d'entre as corporações scientificas do nosso paiz, a alguma outra mais cabem taes investigações que ás destinadas aos estudos geographicos e historicos do Brazil.

O assumpto de que se trata tem sido já debatido no Club de Engenharia por conspicios oradores; no Instituto Polytechnico Brasileiro tive por minha parte occasião de expôr algumas considerações a respeito; e vindo hoje aqui fazer esta conferencia, terei talvez de repizar ou de repetir alguns argumentos já suggeridos; mas procurarei dar ao assumpto uma orientação consentanea com os fins da nossa sociedade.

Exporei em primeiro logar um resumo dos tratados a respeito dos limites entre os dois paizes: depois pas-

sarei á interpretação real dos tratados e protocollos recentes, e concluirei accentuando a attitude que o Brazil deve manter n'esta importante questão em face dos seus direitos.

— Os tratados celebrados correspondem a dois periodos: o primeiro é relativo ao periodo colonial dos dois paizes e comprehendem os tratados entre as respectivas metropoles, Portugal e Hespanha; o segundo comprehende os celebrados entre os dois paizes já constituídos em nações independentes.

Pondo de parte uns antigos tratados ou convenções diplomaticas, taes como de Tordesillas, Lisbôa, Utrecht, as escripturas de Saragoça, as bullas pontificias, e outros, apontaremos em primeiro logar o tratado de Madrid de 13 de Janeiro de 1750. Para a celebração deste tratado, que foi o primeiro com certo character definitivo, servio-se de um mappa da America Meridional, organizado no anno anterior, sob o titulo «*Mapa de los confines del Brasil com las tierras de la Corona de España en la America Meridional: lo que está de amarillo se halla ocupado por los Portuguezes: lo que está de color de rosa tienen ocupado los Españoles: lo que queda en blanco no está al presente ocupado. 1749.*»

Aqui temos presente uma cópia da parte deste mappa relativa á bacia amazonica, em annexo á *Memoria sobre a questão de limites entre o Imperio do Brazil e a Republica de Nova Granada pelo Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro*, obra pertencente á bibliotheca de nossa Sociedade de Geographia. Por esta cópia se vê quanto era incorrecto o mappa que servio de base ao tratado de 1750; basta notar que o rio Beni era considerado como affluente do Purús, quando elle o é do Madeira; por esse motivo e outros referentes á fronteira do Sul, o tratado de 1750 teve de ser derogado, o que se realizou pelo de 12 de

Fevereiro de 1761; teve, porém, o merito de deixar consignado o principio do *ut possidetis*, que as duas metropoles procuravam respeitar nas suas questões de limites, conforme se reconhece dos seguintes termos de um dos seus artigos, isto é, as duas monarchias attenderiam a dois fins: «o primeiro e mais principal é que se assignalem os limites dos dois dominios tomando por balisas as paragens mais conhecidas, para que em nenhum tempo se confundam nem dêem occasião a disputa como são a *origem e curso dos rios e os montes mais notaveis*; o segundo, que cada parte ha de ficar *com o que actualmente possue á excepção das mutuas concessões, etc.*»

Correram-se alguns annos, e foi então celebrado o tratado de Santo Ildefonso, de 1 de Outubro de 1777, em cujo artigo XI concernente á Bolivia se lê o seguinte:

«Art. XI. Baixará as linhas pelas aguas destes dois rios (Guaporé e Mamoré) *até á paragem situada em igual distancia do rio Maranhão ou Amazonas e da boca do rio Mamoré*, e desde aquella paragem continuará por *uma linha léste-oéste* até encontrar a margem oriental do rio Javary, que entra no Maranhão pela sua margem austral; e, baixando pelo álveo do mesmo Javary até onde desemboca no Maranhão ou Amazonas, proseguirá aguas abaixo deste rio, a que os Hespanhóes costumão chamar Orellana e os Indios Guiena, até á boca mais oriental do Japurá, que desagua nelle pela margem septentrional.»

Este tratado tinha o character de preliminar por servir de base a tres outros: um quanto á alliança entre as duas metropoles; outro ao commercio mutuo e reciproco das colonias, e o ultimo aos limites das possessões.

Na demarcação destes limites occorreram, porém, continuas divergencias entre os demarcantes em toda a fronteira, e seria facil prever semelhante resultado na região amazonica por causa da absurda direcção que a

fronteira seguia e dos erros que se descobriram nas cartas até então organizadas.

Neste interim rebentou a guerra entre Portugal e Hespanha, e nada mais se pôde adiantar por effeito do tratado preliminar de 1777.

Sucedeu-se a paz em 6 de Junho de 1801; mas taes eram os embaraços em que se achavam envolvidas as duas metropoles por causa das occurrencias que se davam na Europa, que nenhum outro passo se deu em relação aos limites entre as duas possessões: bem ao contrario, estas trataram de conquistar a sua independencia, de sorte que em 1822 quando o Brazil conquistou a sua, desapareceram da arena dos tratados as duas metropoles, e todas as negociações passaram a realizar-se directamente entre o Brazil e as republicas vizinhas.

O Brazil desde então tratou de entrar em ajuste com as nações vizinhas desde o Chuy no sul até o Oyapoc no norte.

Varios tratados foram assim successivamente celebrados; mas com a Bolivia, o primeiro tratado teve logar em 27 de Março de 1867, consignando-se então, que:

«A fronteira entre o Imperio do Brazil e a Republica da Bolivia partirá do rio Paraguay na latitude de 20° 10' onde desagua a bahia Negra; seguirá pelo meio desta até o fundo e dahi em linha recta á lagôa de Caceres, cortando-a pelo seu meio; irá d'ahi á lagôa Mandioré e a cortará pelo seu meio, bem como as lagôas Gahiba e Uberaba, em tantas rectas quantas forem necessarias, de modo que fiquem do lado do Brazil as terras altas das Pedras de Amolar e da Insua.

«Do extremo norte da lagôa Uberaba irá em linha recta ao extremo sul da Coxia Grande, salvando as povoações brazileiras e bolivianas, que ficarão respectivamente ao lado do Brazil ou da Bolivia; do extremo

sul da Coxia-Grande irá em linhas rectas ao morro da Boa Vista e aos Quatro Irmãos; destes tambem em linha recta, até ás nascentes do rio Verde; baixará por este rio até a sua confluencia com o Guaporé e pelo meio deste e do Mamoré até o Beni, onde principia o rio Madeira.

«Deste rio para oéste seguirá a fronteira por uma parallela, tirada da sua margem esquerda na latitude sul de 10° 20' a encontrar o rio Javary.»

«Se o Javary tiver as suas nascentes ao norte daquella linha léste-oéste, seguirá a fronteira, desde a mesma latitude por uma recta, a buscar a origem principal do dito Javary.»

Por este tratado o trecho da fronteira entre o Madeira e o Javary ficou dependente da foz do Beni e da situação da origem principal do Javary e, tomando-se o termo *uma parallela* com a sua verdadeira significação *um parallelo*, pois aquelle termo não parece ser mais do que uma má traducção do termo hespanhol *una paralela*, conforme se deprehende de varios trabalhos bolivianos entre os quaes os de Guttieres, e o que se encontra na *Memoria que el ex-Secretario General de Estado y actual Ministro de Gobierno, Justitia, y Relaciones Exteriores de la Republica de Bolivia presenta a la Assembléa Nacional Constituyente reunida en 1868*, existentes na bibliotheca da nossa Sociedade, verifica-se que o tratado de 1867 se baseia na posição d'esse parallelo de 10° 20', e não fez mais do que confirmar o que já indicavam as cartas do Brazil desde o principio do corrente seculo, de accordo com o principio do *uti possidetis* já ractificado desde 1810.

A linha léste-oéste, a que alludia o tratado de 1777, tirada do Madeira a meia distancia entre o Amazonas e a fóz do Mamoré, e passando, segundo resava erradamente a carta de 1749, pelo Beni como affluente do Purús, desaparecera das nossas cartas, e substituindo-se pela pa-

rallela tirada da fóz do Beni no rio Madeira; *parallela* que, segundo a orientação consignada no tratado de 1867, não é mais do que o proprio parallelo de 10° 20' lat. S. Desde então, embora na Bolivia uma ou outra carta assignale de modo empyrico a absurda linha de 1749, como se vê no «*Mappa de la Republica da Bolivia organisada en los años de 1842 a 1859*», todas as cartas do Brazil faziam seguir a fronteira pelo parallelo de 10° 20' até um ponto de onde partia uma linha, para a nascente do Javary se não attingisse esta o dito parallelo.

Possuimos aqui, no archivo da nossa Sociedade, uma carta do Brazil n'estas condições --*Nova carta do Brazil em 1821*--; mas além de varias outras, que o nosso consocio, Dr. Paulo de Frontin, exhibio por occasião da sua conferencia no Club de Engenharia, lembrarei as seguintes, preparadas no Brazil ou no estrangeiro. São ellas: *Nova carta corographica do Imperio do Brazil pelo Coronel Engenheiro Conrado Jacob de Niemeyer em 1857*; *Novo Mappa do Imperio do Brazil publicado com as ultimas correccões do Governo por G. W. e G. B. Colton, New-York, em 1867*; *South America, by Keith Johnston Edinburgh & London*; e ainda a carta annexa á obra de *Kidder e Fletcher, —The Brazil and the Brazilians—*, publicada em Philadelphia (U. S.) no anno de 1857; os mappas de geographia, entre os quaes de *Balbi, Gauthier Villemin, &*, e varias outras obras.

No mesmo sentido se acha a carta na obra *L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de 1867 à Paris*.

Deduz-se portanto, que o tratado de 1867 não faz mais do que confirmar ou consolidar o que estava na mente de todos os Brasileiros e se mantinha em todos os trabalhos de geographia.

N'estas condições tornava-se preciso marcar o ponto do Javary.

Ora, a tal respeito já se achava em operações a comissão dos limites com o Perú, que devia subir o Javary até as suas nascentes, visto também por esse rio estender-se a fronteira com o Perú. A nascente principal do Javary seria também o extremo da fronteira com a Bolívia.

Essa comissão, primeira que explorava o Javary, foi dirigida pelo illustre official da Armada Nacional, o Snr. José da Costa Azevedo (Barão do Ladario), e tinha como 1.º commissario brasileiro o Snr. Capitão-Tenente Soares Pinto, e como commissario peruano o Snr. Paz i Soldan: mas, ao explorar o Javary, em 1864, a comissão, então chefiada pelo Snr. Soares Pinto, foi atacada pelos indios Mageronas, ou Muxuranas, morrendo no ataque o chefe brasileiro e varios soldados, sahindo gravemente ferido o commissario peruano, e perdendo-se quasi todos os trabalhos.

Seguiu-se-lhe uma segunda comissão, confiada ao distincto official da Armada Nacional, Snr. Barão de Teffé, que, subindo em 1874 o Javary, chegou a um ponto em que o rio se dividia em dous ramos, o Jaquirana e o Galvez: tomou o Jaquirana pelo proprio Javary e subiu até onde poderam chegar as chalanas; ahí fez cravar um marco aos 6° 50' 20" lat. S, e, procedendo a um ligeiro reconhecimento, calculou, que a nascente se acharia aos 7° 1' 17",5 lat. S. D'isso deu conta em uma memoria publicada no tomo IV da Revista da nossa sociedade sob o titulo «*Episodios da viagem de exploração ás vertentes do famoso rio Javary, affluente meridional do Alto Amazonas, realisada pelo Barão de Teffé.*

Começaram então a apparecer as cartas do Brazil, fazendo a fronteira seguir por uma recta inclinada, traçada da foz do Beni á nascente do Jaquirana, e eliminando totalmente o parallelo de 10° 20'!

Erro crasso, que não traduzia o espirito do tratado, essencialmente baseado no paralelo de $10^{\circ} 20'$, quer no caso do seu encontro com o Javary, quer no de achar-se a nascente d'este ao norte; o que redundava para o Brazil na perda de um territorio de cerca de 5.000 leguas quadradas, maior que o de alguns Estados actuaes da Republica!

Entretanto, o que determinava semelhante proceder? Essa indifferença em perder o paiz uma tão grande extensão de territorio?

E' difficil encontrar explicação plausivel, porque a região, que se abandonava, era rica, fertil, extensa e saudavel, e n'essa época já o Governo Brasileiro possuia innumerous elementos para não ignorar esta circumstancia.

O Governo Brasileiro não estava mais ás cegas a respeito do que alli o paiz possuia: não só a região tinha sido estudada e percorrida por notaveis homens de sciencia, como intrepidos exploradores e audazes viajantes a haviam percorrido, deixando importantes roteiros ou minuciosas descripções; engenheiros haviam já procedido a reconhecimentos diversos para a construcção de estradas; e escriptores notaveis composto trabalhos e obras, memorias ou relatorios a tal respeito.

Pondo de parte os missionarios portuguezes ou hespanhóes, carmelitas ou jesuitas, os proprios bandeirantes de S. Paulo, apontaremos uma série de batalhadores, que nos forneceram as fontes principaes de consultas.

Entre os homens de sciencia, vamos encontrar estrangeiros e brasileiros:

Da França, além dos trabalhos de la Condamine (*Voyages dans l'Amérique*, 1788), de Jean de Lery, do Padre Claude de Abbéville, lembraremos os de D'Orbigny (*Voyage dans l'Amérique Méridionale*), de St. Hilaire, de Castelnau em 1846 e outros.

Da Allemanha, temos o mais eminente naturalista do corrente seculo, Barão de Humboldt.

Da Inglaterra, o naturalista Wallace, e com este Wallis, Bates e outros, entre os quaes não deixaremos de citar Chandless em 1865.

Da America do Norte, o notavel official da Marinha Americana Maury, cujo fito principal era a *abertura dos rios navegaveis do Amazonas aos navios mercantes*, Piper, Herudon, Gibbon, James Orton, os irmãos Heath, assim como Kidder e Fletcher, que nos deixaram a obra *The Brazil and the Brazilians*.

Temos tambem os trabalhos de Frederico Hartt, Smith, Spix, Martius, e por fim os do grande naturalista moderno, Professor Agassiz, que percorreu a região amazonica de 1863 a 1865.

Dos Brasileiros apontamos o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, cujos trabalhos acham-se uns impressos na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e outros ainda ineditos na Bibliotheca Nacional; Almeida Serra em 1797; Silva Coutinho, Duarte da Ponte Ribeiro, Couto de Magalhães, Severiano da Fonseca, Pimenta Bueno, Torquato Tapajós, e o nosso digno consocio Dr. Barbosa Rodrigues, denominado com toda a justeza por Sant'Anna Nery o *Agassiz Brasileiro*.

Entre os exploradores e viajantes, citaremos conhecidos brasileiros, bolivianos e peruanos.

Dos primeiros temos Francisco Palheta, que explorou o Madeira, João Cometa e o pernambucano Seraphim, que exploraram o Purús e alguns dos affluentes; o celebre Ignacio Baptista, que lembrou a communição do Purús com o Beni para evitar as cachoeiras do Madeira; o mais notavel de todos os exploradores do Amazonas, Manoel Urbano da Encarnação, que explorou o Purús, lembrou a communição com o Beni pelo rio Ituxy,

explorou o Juruá, Jutahy, indo até o proprio Javary, e foi o companheiro de Chandless, de quem mereceu a distincção de dar-se a um dos confluentes do Purús o nome de rio *Manoel Urbano*; por fim citaremos tambem o Coronel Labre, que percorreu todo o Purús e seus confluentes e deu dos seus trabalhos conhecimento á nossa Sociedade.

Dos Bolivianos citaremos D. José Agostinho, Medinacelli, o General Quevedo, o Padre Armentia, o Padre Sans, Palacios, Balivian, Alejandro Corradi, Velarde e outros.

Dos Peruanos lembraremos o proprio Paz Soldan, autor da *Geographia do Perú*, Reynaldo, Maldonado, etc.

Entre os engenheiros, apontaremos os trabalhos dos irmãos Keller, Julio Pinkas, Carlos Morsing, no Madeira, onde chegaram a organizar estudos e reconhecimentos para uma estrada de ferro ao longo das cachoeiras; Alexandre Haag, Chandless, e Silva Coutinho no Purús e seus confluentes para uma communição do Purús ao Beni; questão esta que provocou no seio da nossa Sociedade de Geographia uma serie de conferencias tendentes a mostrar a preferencia das communições entre o Baixo e o Alto Madeira (*Beni*), ou entre o Purús e o Beni, nas quaes tomaram parte Pinkas, Alexandre Haag, Pimenta Bueno, Labre e o proprio ministro boliviano naquella época Dr. D. Juan Francisco Velarde.

Entre os escriptores vamos encontrar Sant'Anna Nery, Dr. José Paranaguá, cujo relatorio quando Presidente do Amazonas, em 1883, é um trabalho miucioso e importante a respeito dos rios navegaveis; José Verissimo, Torquato Tapajós e recentemente os trabalhos estatisticos de L. Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque.

Deante desta somma de dados e informações sobre as regiões em questão, não se comprehende como persistia

a idéa de substituir-se o paralelo de $10^{\circ} 20'$ pela linha inclinada do Beni ao Javary; e a nossa surpresa cresce quando vemos a propria Carta do Brazil, organizada em 1883 pela Commissão da Carta Archivo consignar a linha inclinada, e por fim surgir em 1895 o protocollo de 19 de Fevereiro, adoptando para todos os effeitos como linha de fronteira a do Beni ao Javary aos $7^{\circ} 1' 17'',5$ lat. S.

Na mesma occasião autorisou-se o estabelecimento da alfandega boliviana no Acre, e nomeou-se a commissão para a collocação dos marcos nos pontos intermediarios.

Foi chefe d'esta commissão e 1.^o commissario o nosso digno consocio Coronel Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, e 2.^o commissario o Capitão-Tenente Augusto da Cunha Gomes.

O distincto chefe percebeu logo, pelos protestos então levantados no Amazonas, pelas informações que colheu, observações e pesquisas a que procedeu, que a *linha geodesica* do Beni ao Javary estava errada, e a sua convicção crescia á medida que se approximava dos pontos a marcar, porque ia separar do Brazil uma parte de territorio occupada por brasileiros; ia tornar boliviano o que de facto era brasileiro.

Não trepidou mais e fez sentir ao Governo Federal, que a *linha geodesica* prejudicava o paiz em cerca de 5.000 leguas quadradas, quer por abandonar o paralelo de $10^{\circ} 20'$, quer porque a nascente principal do Javary vinha mais ao sul.

Pagou-se mal d'este acto de patriotismo, e taes foram os desgostos que soffreu, que julgou dever pedir a sua demissão, e *obteve-a*.

Sucedeu-lhe o Capitão-Tenente Cunha Gomes, que foi tambem encarregado de verificar, antes de tudo, a

posição exacta da nascente principal do Javary : mas, contentando-se em subir o Jaquirana, sem explorar realmente o Galvez, chegou ao ponto do marco cravado pelo Barão de Teffé, e proseguindo apenas achou para a nascente do Jaquirana uma pequena differença determinando a latitude em $7^{\circ} 11' 48'',10$ S, em vez de $7^{\circ} 1' 17'',5$ S, conforme fôra calculado pelo Barão de Teffé.

Não satisfeitos com esta verificação, os Amazonenses insistiram no seu protesto contra o esbulho do territorio do seu Estado e contra o estabelecimento da alfandega boliviana no Acre ; o deputado federal Dr. Innocencio Serzedello Corrêa publicou o seu importante trabalho — *O rio Acre* —, e o Dr. Paulo de Frontin apresentou no Club de Engenharia a moção já conhecida, fazendo o Club votos para que o Governo Federal não resolvesse definitivamente a questão da fronteira com a Bolivia, sem mandar proceder a nova verificação das nascentes do Javary.

N'estas condições tratou o Governo Federal de rever o assumpto, celebrando o novo protocollo de 30 de Outubro do corrente anno, fazendo depender a demarcação dos limites de uma nova verificação *da verdadeira posição da nascente ou da principal nascente do rio Javary, tendo presentes as operações em 1874 e em 1897 sobre o rio Javary.*

Sem entrar no exame de outros *itens* d'este protocollo, diremos que só a circumstancia de annullar o fatal protocollo de 1895 foi já uma vantagem.

Eis ahi em resumo o que se refere aos tratados e protocollos sobre os limites do Brazil com a Bolivia, e para não nos alongarmos mais sobre esta parte, passemos á interpretação do tratado de 1867, aos commentarios que os actos posteriores têm despertado fóra do paiz e á attitudo que cabe ao Brazil manter em face dos seus direitos.

Quanto á interpretação dos tratados, vemos que está de pé o de 1867, onde se estabeleceu como base da fronteira entre o Madeira e o Javary o *parallelo de 10° 20' até encontrar este ultimo rio, ou desde a mesma latitude por uma recta a buscar a origem principal do Javary*. Isto é: ou o parallelo de 10° 20' encontra o Javary, e assim o *parallelo e o rio* limitarão por esta parte o territorio brasileiro: ou o parallelo de 10° 20' não encontra o rio Javary, e n'esse caso de um ponto da mesma latitude ou do mesmo parallelo, se tirará uma recta a buscar a origem principal do Javary, e assim o *parallelo e a recta até o Javary*, determinarão por esta parte a fronteira brasileira a partir da bocca do Beni até a origem principal do Javary.

Deduz-se que é um ponto essencial a origem principal do Javary, afim de tirar d'ahi a recta a encontrar o parallelo de 10° 20'. E' justamente em busca d'aquelle ponto, que está hoje a questão de limites com o Brazil. Sobrevém porém, um outro assumpto a considerar: é o que respeita á direcção tomada, nos seus trabalhos, pelas commissões exploradoras do Javary.

Sabemos que a commissão Barão de Teffé e a recente Cunha Gomes subiram o Javary, tomaram o Jaquirana para o prolongamento d'este, e foram marcar a sua origem como a principal do Javary: entretanto, nenhuma d'estas commissões explorou realmente o Galvez, que é o outro ramo do Javary.

Do Galvez ninguem sabe ao certo a que latitude sul attinge a sua nascente, entretanto algumas cartas antigas, como as de Conrado de Niemeyer, Colton e outros dão o Galvez prolongando-se até além do parallelo, o Jaquirana ou Xuquirana ficando antes, outros affluentes do Javary dirigindo-se para o sul, e os limites do Brazil seguindo pelo Galvez até o referido parallelo. O proprio Paz Soldon

na sua *Geographia do Perú* cita taes limites respeitando o parallelo de 10° 20', e a normal do Javary a este parallelo. (O Sr. Dr. Barbosa Rodrigues declara em aparte, que as aguas do Javary vão mais ao sul e devem attingir o pararello de 10° 20'.)

E' pois indispensavel tudo isto verificar, tanto no Jaquirana, como no Galvez e outros confluentes, sem o que a questão de limites entre o Brazil e a Bolivia não poderá ter solução completa. E' certo que hoje sobrevém um novo embaraço por havermos já entregue ao Perú toda a região entre o Javary e o Galvez; mas é uma nova questão que poderá ser resolvida facilmente segundo a posição em que ficar a origem principal do Javary, conforme fez ver em um dos seus artigos o Coronel Thaumaturgo de Azevedo.

Perante estas alternativas, as nações estrangeiras não cessam de estranhar a attitude do Brazil. Vemos a America do Norte fazer estudar por si os rios navegaveis da zona em questão: a *Wilmington* lá esteve, e, a despeito das convenções internacionaes, percorreu os nossos rios, dando logar a suspeitas sobre os motivos de taes excursões. O ultimo boletim da *Société Royale de Geographie d'Anvers*, analysando a attitude energica dos Amazonenses, em um dos seus artigos, exclama:

«*Mais s'ils ont contre eux le Gouvernement brésilien lui même...*»

Eis ahi os commentarios a que o Brazil tem sido exposto!

E taes apreciações se geram em virtude da riqueza e fertilidade da zona em questão, onde encontram-se os melhores seringaes, madeiras de primeira qualidade, o cacáo, a copahyba, a salsaparrilha, e os elementos para a perfeita cultura do anil, do fumo, do café, da canna, do algodão, etc.

E' tal a magnificencia d'aquellas paragens, que o Barão de Humboldt, estasiado deante da sua riqueza e fertilidade, dizia em uma das suas obras *ser ali n'aquellas paragens, onde se acha o paraíso das gerações futuras!*

No presente momento, não é só a riqueza da região que nos deve impressionar: é também o triste effeito moral que a nossa indiferença está produzindo.

No dia em que perdermos a região do alto Purús até o Javary, veremos a França atravessar o Oyapoc e cravar o seu pavilhão nas nossas terras do Amapá: a Inglaterra ultrapassar as vertentes da serra do Acarahy e vir cravar o pavilhão nas aguas do nosso rio Branco, e assim em relação a outros paizes limitrophes, que não duvidarão resurgir amanhã antigas questões de limites, apesar dos risos e affectos de hoje!

Com a celebração do protocollo de 30 de Outubro ultimo, é de esperar que se desfça o erro em que illusoriamente tem permanecido o Brazil a respeito dos limites com a Bolivia. Não devemos ceder parte alguma do nosso territorio: os nossos limites ali devem correr pelo parallelo de 10° 20' até o Javary, ou até a linha que a partir d'esse parallelo vae buscar a nascente principal do Javary.

E' isto o que nos impõe o direito: e o nosso patriotismo está em fazer respeitar esse direito.

Tal é também, senhores, a attitude que o Brazil deve manter n'esta importante questão de seus limites.

II. — CARTA DO SR. COMMANDANTE CUNHA GOMES, ESCRITA DE CONANY A 19 DE JANEIRO DE 1900 AO «JORNAL DO COMMERCIO», E POR ESTE PUBLICADA NA SUA «GAZETILHA» DE 22 DE FEVEREIRO SEGUINTE:

«Só hoje li o *Jornal do Commercio* de 13 de Dezembro findo, que publicou o discurso feito na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro pelo Exm. Sr. Dr. Antonio de Paula Freitas, sobre os nossos limites com a Bolivia. Não tenho a honra de conhecer pessoalmente o Sr. Dr. Paula Freitas, as considerações, porém, que tenho por seu nome, tão vantajosamente conhecido, e o respeito que deve a uma das glorias da engenharia brasileira, obrigam-me a pedir-lhe licença para oppor algumas considerações aos topicos de tão importante documento, relativo á descoberta da nascente do rio «Javary».

Deixando de parte os Tratados e Protocollos entre o Brazil e a Bolivia ácerca de seus limites, bem como os encomios ao então Chefe da Commissão de limites com a Bolivia em 1895-96, venho refutar alguns conceitos por S. Ex. externados, pedindo ao mesmo tempo desculpa por distrahir por alguns momentos sua attenção, sempre absorvida por sérias e trabalhosas occupaões.

Tres foram as commissões nomeadas para procederem á exploração do rio Javary, e todas ellas se demoraram no ponto em que elle se divide em dous, o «Jaquirana» e o «Galvez», subindo o que consideraram, depois de estudos feitos, ser a continuação do «Javary», não se deixando, portanto, levar por informações.

A primeira em 1864, sob a direcção do Exm. Sr. Barão de Ladario, sendo encarregado d'este serviço o inolvidavel Capitão-Tenente Soares Pinto, que, *reconhecendo por estudos como elle os sabia fazer*, ser o «Jaquirana» a

continuação do «Javary», por este se dirigiu e chegou até a lat. $6^{\circ} 50' S.$ e long. $73^{\circ} 56' 45'' O. Gr.$, em uma altitude approximada de duzentos metros, conforme declarou Paz Soldan, Commissario peruano, sendo n'este ponto infelizmente morto flechado pelos indios ; não podendo seu digno companheiro, o referido Soldan, proseguir na exploração, por ter tambem ficado ferido com uma flechada na côxa, de modo que teve a Commissão de regressar para Manáos. •

Perdeu, portanto, o Brazil um de seus mais distinctos hydrographos e astrônomos, já no «Jaquirana», e não no «Javary», como S. Ex. declarou.

Devo frisar esse ponto, porque a este sempre lembrado companheiro se deve a primazia de ter subido e reconhecido ser este rio a continuação do «Javary», o que é facil de verificar compulsando a carta por elle levantada.

A segunda em 1874, dirigida pelo Exm. Sr. Barão de Teffé, que tambem subiu o «Jaquirana», por lhe parecer ser este a continuação do «Javary», chegando até o ponto situado aos $6^{\circ} 59' 29'',5$ lat. S., e $74^{\circ} 06' 26'',67'$ O. Gr., onde collocou um marco ; estimando e não calculando, como diz S. Ex., que sua nascente deveria achar-se a mais tres milhas ao rumo S. O., o que se pôde verificar á pag. 188 e seguintes do Relatorio de 1875 do então Ministerio dos Estrangeiros.

A terceira, finalmente, confiada ao humilde escriptor destas linhas, que, na opinião de S. Ex., «contentando-se em subir o «Jaquirana», sem explorar realmente o «Galvez», chegou ao marco cravado pelo Barão de Teffé, e apenas achou para a nascente do «Jaquirana» uma pequena differença na latitude, que calculou em $7^{\circ} 11' 48'',1$ S., ao envez de $7^{\circ} 1', 17'', 5$, conforme havia calculado o Barão de Teffé.

No Relatorio por mim apresentado e publicado, como annexo em 1898, ao do Exm. Sr. General Dyonisio de Cerqueira, então Ministro do Exterior, á pag. 245, lê-se:

.....

 « Effectivamente foi o «Galvez» levantado em uma extensão de seis milhas, tendo n'este ponto apenas cincoenta metros de largura.

Sua correnteza é diminuta, deyido a ser reprezada pelo rio «Jaquirana».

E' escura a côr de suas aguas, sendo por isso aqui chamado um rio de agua preta.....

.....
 Pela rigorosa medida feita nas bocas dos rios «Galvez» e «Jaquirana», aquelle tem $197^{m^3},443$ de volume de descarga de agua por segundo, e este $552^{m^3},380$ de descarga de agua, tambem por segundo, estabelecendo uma relação entre os dous volumes de descarga de 26 para 74, ou approximadamente de 1 para 3.

A' pagina 246 lê-se o seguinte :

.....
 « Nasce este rio ⁽¹⁾, segundo informações colhidas em Lontananza, barracão peruano da margem esquerda do rio «Jaquirana», em terras altas, que ficam ao norte d'este ponto, e que fazem a divisa de aguas entre os rios «Jaquirana» e «Branco», affluente do Ucayali; tanto que d'ahi se cruza por terra para aquelle rio ⁽²⁾, sem ser elle mais encontrado. Este barracão fica distante cento e quarenta milhas de sua boca, devendo, portanto, o curso d'este rio ⁽³⁾ ser muito pequeno. Além da côr escura das

(1) Galvez.

(2) Branco.

(3) Galvez.

aguas, fizeram-se observações da temperatura d'ellas em varios pontos do rio, até onde foi explorado e estudado, achando-se 26°,5 cent., enquanto que as temperaturas das aguas dos rios « Jaquirana » e « Javary » são de 29° cent.

Assim dando o resultado dos estudos feitos no rio « Galvez », cabe-me fazer a comparação com iguaes executados nos rios « Jaquirana » e « Javary », e chegar ao resultado de affirmar que o « Jaquirana » é incontestavelmente a continuação do rio « Javary », pelo seguinte: O rio « Jaquirana » tem o volume de descarga de agoas maior de que o « Galvez », em uma relação de 1 para 3; a temperatura de suas aguas igual á do « Javary », que é de 29° cent., enquanto que a do « Galvez » é de 26°,5 tambem centigrados. A côr das aguas é branca, como a do « Javary », sendo a do rio « Galvez » escura e turva ⁽¹⁾.

O seu curso, de cerca de setecentas milhas até sua nascente, enquanto o rio « Galvez », terá talvez pouco mais de cem milhas, tambem até as suas nascentes.

E' pois o « Jaquirana » a continuação do « Javary », e como tal foi explorado »

Não se contentou, portanto, o Capitão-Tenente Cunha Gomes em subir o « Jaquirana », como declara S. Ex., e se o fez, foi por ficar convencido, depois dos trabalhos executados, da impossibilidade de ser o « Galvez » a continuação do « Javary ». Tão pouco chegou elle ao marco cravado pelo Sr. Barão de Teffé, e isto por não tel-o encontrado, apesar de exploradas minuciosamente as margens do rio « Jaquirana », como se póde lêr á pag. 271 do citado Relatorio de 1898.

A pequena differença para a latitude mais ao sul da

(1) Ao contrario do que, por informações, lê-se á pag. 15 do folheto publicado em 1897 pelo Sr. Coronel Thaumaturgo de Azevedo.

nascente do rio « Javary », calculada por mim da estimada em 1874, pelo Sr. Barão de Teffé, a que allude V. Ex., trouxe como resultado ter o Brazil adquirido mais duzentas e quarenta duas leguas quadradas.

Como já disse algures, ao proceder á exploração d'este rio estava livre de preconceitos e não mirava recompensa de especie alguma, a não ser a gratidão a que tem direito todo aquelle que, na altura de suas forças, concorre para o engrandecimento da terra a que pertence.

Cedo, porém, convenci-me que nem sempre com calma e criterio são externados conceitos e formadas opiniões sobre trabalhos scientificos.

III. — SEGUNDA CONFERENCIA SOBRE OS LIMITES DO BRAZIL COM A BOLIVIA NA SESSÃO DE 10 DE ABRIL DE 1900, PELO DR. ANTONIO DE PAULA FREITAS.

O *Jornal do Commercio* de 22 de Fevereiro ultimo publicou na *Gazetilha* uma carta, datada de 19 de Janeiro ultimo, do Exm^o Sr. Capitão-Tenente Cunha Gomes, actualmente em commissão do Governo Federal no Amapá, na qual S. Ex., alludindo á conferencia que tive occasião de fazer perante esta Sociedade, em 1 de Dezembro de 1898 ácerca dos limites do Brazil com a Bolivia, oppõe varias considerações ás que expuz relativamente ás explorações feitas no Javary para a demarcação da linha de limites entre o Beni e o Javary n'essa parte das nossas fronteiras com a Bolivia.

Agradecendo ao Sr. Cunha Gomes as attenciosas expressões com que se referiu á minha pessoa, venho hoje aqui, n'esta primeira sessão, que a nossa Sociedade effectúa no corrente anno, replicar, mostrando que as con-

siderações expostas por S. Ex., longe de se oppôrem ao que expuz na minha primeira conferencia quanto ás nascentes do Javary, não são mais do que a sua confirmação, e que, portanto, conforme alli eu disse : « E', pois, indispensavel tudo isto verificar, tanto no Jaquirana como no Galvez e outros confluentes, sem o que a questão de limites entre o Brazil e a Bolivia não poderá ter solução completa ».

Propositalmente, guardei-me para a sessão da nossa Sociedade, e não repliquei pela imprensa, porque aqui fiz a conferencia, e aqui sómente tratarei do assumpto.

Analysarei os topicos da carta de S. Ex., referentes ao que expuz, e então os meus consocios poderão apreciar, se a carta não é realmente uma confirmação de que nenhuma das commissões exploradoras do Javary completou alli os trabalhos de fórma a fixar com toda a exactidão e segurança a posição dos pontos essenciaes da demarcação.

Vou, portanto, mostrar ainda uma vez, com a *calma* e o *critério* com que procuro sempre proceder, que, nem a commissão Ladario em 1866, nem a commissão Teffé em 1874, nem a commissão Cunha Gomes, que succedeu ao Sr. Coronel Thaumaturgo de Azevedo em 1898, forneceram elementos completos para esse *desideratum*, quando sabemos que cartas e mappas antigos, nacionaes ou estrangeiros, e a opinião de competentes, como o Sr. Dr. J. Barbosa Rodrigues, que bem conhece aquellas paragens e aqui a exarou, as cabeceiras do Javary attingem o parallelo de 10°20', ou d'elle se approximam.

A primeira commissão exploradora, tendo á sua frente o commissario brasileiro Soares Pinto e o peruano Paz Soldan, fez trabalhos, a respeito dos quaes eu disse na primeira conferencia : « ao explorar o Javary, foi ata-

cada pelos indios Mageronas ou Muxurunas, morrendo no ataque o chefe brasileiro do serviço Capitão-Tenente Soares Pinto e varios soldados, e sahindo gravemente ferido o commissario peruano Paz Soldan ». A commissão não completou, portanto, a exploração.

O meu illustrado contendor diz, que o Capitão-Tenente Soares Pinto « reconhecendo por estudos, como elle os sabia fazer, ser o *Jaquirana* a continuação do *Javary*, por este se dirigiu e chegou até a latitude de $60^{\circ} 50' S$, e longitude $73^{\circ} 56' 45'' O$. de Gr., em uma altitude de 200 metros, conforme declarou Paz Soldan, sendo n'este ponto infelizmente morto, flechado pelos indios, não podendo seu digno companheiro Soldan proseguir na exploração por ter tambem ficado ferido com uma flechada na côxa, de modo que teve a commissão de regressar para Manáus ».

Inferese evidentemente d'esta declaração do Sr. Cunha Gomes, que a commissão exploradora não chegou a resultado algum positivo, nem quanto á nascente do Jaquirana, nem quanto á exploração do Galvez, a que já-mais procedeu, limitando-se a ligeiros estudos na fóz.

Taes trabalhos, portanto, não podem ser tomados para base da determinação dos referidos limites; cumprindo tambem notar as sensiveis contradicções entre o que assevera o Sr. Cunha Gomes no seu relatorio e o que expôz o Sr. Paz Soldan no seu relatorio, unico documento que existe a respeito dos dois rios, Jaquirana e Galvez: para o que transcreveremos o trecho do relatorio Paz Soldan, a respeito da confluencia dos dois rios:

« Cinco dias despues (el 28 de Agosto, 1866), llegaban a un paraje donde el rio es formado de dos brazos, uno llamado Yavary-mirim (pequeno Javary) y el otro Yaquirana. Este lugar, aunque no corresponde a la latitud $5^{\circ} 10'$, donde segun las instrucciones. debien hallar al Yavary dividido en dos brazos; sin embargo, detu-

vieron su marcha para fijar su posición y averiguar cual de los dos brazos era el mayor. Para esto, midieron la cantidad de agua de los dos ríos, resultando que el Yavary-mirim acarreaba un volumen de agua como de 50 metros cúbicos por segundo, mientras el Yaquirana llevaba doble cantidad; de consiguiente, este último debía considerarse ser el Yavary ».

« Continuaron pues su navegación en las aguas del Yaquirana, el que siendo el verdadero Yavary, sirve de línea divisoria entre el Perú y el Brasil. El curso de este río es tan tortuoso, que el Señor Roand y Paz Soldan calcula fuese diferencia entre la línea recta, esto es, la distancia geodesica y la itineraria, ó camino recorrido, es como de uno a cuatro ».

« El día 8 de Septiembre llegaron a otra bifurcación del río, y habiendo observado la latitud, la encontraron de $5^{\circ} 10' 12''$; concluyendo ser este el punto que en las instrucciones se indicaba debía hallarse a $5^{\circ} 10'$, y donde debían encontrar, como lo notaron en efecto, un brazo de río que viene del S, con aguas turbias y otro del SE con agua clara. Este acuerdo en la latitud prueba cierta habilidad en los antiguos observadores. Como según las instrucciones recibidas, debían reconocer-se qual de los dos ríos era mayor, y, el que lo fuere debería considerarse como en el Yavary, demoraron dos días haciendo los estudios necesarios para resolver este problema, resultando que el río que venía por la derecha, esto es, el que traía aguas turbas, era el mayor, y de consiguiente, el que debía de servir de línea divisoria ».

« El otro río era mucho menor, traía agua clara con fondo negrusco y como carecía de nombre, el comisionado peruano D. Manoel Roand y Paz Soldan propuso que se llamase *Río Galvez*, en memoria del illustre ciudadano que sacrificó su vida por la patria ».

« El 12 de Septiembre siguió la comision navegando por el rio de aguas turbias que se debe considerar ser el Yavary, pero ya mui reducido, pues frequentemente su ancho no passaba de 30 metros, y el agua pouco profunda. de modo que las canoas grandes encallaban de cuando en cuando ; obligando por esta razon á los exploradores á seguir su marcha en medio del rio, donde la corriente, siendo mucho mas fuerte, les permittia adelantar un poco mas ».

E assim até o desastre que occorreu antes de attingir a cabeceira do rio.

Ora, teremos occasiao de ver que esta descripção, unica que se possui a respeito dos trabalhos de Soares Pinto, está em desaccôrdo com a do Sr. Cunha Gomes ; portanto, como acceitar taes trabalhos como precisos para os fins, que se tem em vista ?

Creio, portanto, que d'estes trabalhos nada de positivo podemos concluir quanto aos rios Jaquirana e Galvez.

De passagem, não deixarei de frisar um ponto, a que alludiu o Sr. Cunha Gomes, de se haver dado o ataque dos indios já no rio Jaquirana e não no Javary, como eu dissera. Pouco influe esta observação, pois não tive em vista senão referir-me á bacia do Javary.

A segunda commissão, a cargo do commissario brasileiro Barão de Teffé, e do commissario peruano Capitão de Fragata Guilherme Black, percorrou o Javary em 1874. A tal respeito eu disse na minha conferencia : « subindo o Javary, chegou a um ponto em que o rio se dividia em dois ramos, o Jaquirana e o Galvez ; tomou o Jaquirana pelo proprio Javary e subiu até onde poderam chegar as chalanas : ahi cravou um marco aos 6° 59' 29',

lat. S, e procedendo a um ligeiro reconhecimento, calculou que a nascente se acharia aos $7^{\circ} 1' 11'' 5$ lat. S ».

Sobre o mesmo assumpto diz o Sr. Cunha Gomes, que o Sr. Barão de Teffé « tambem subiu o Jaquirana por lhe parecer ser este a continuação do Javary, chegando até o ponto situado aos $6^{\circ} 59' 29'', 5$ lat. S, e $74^{\circ} 6' 26'', 67$ O Gr., onde collocou um marco, *estimando*, e não *calculando* (como diz V.). que sua nascente deveria achar-se a mais 3 milhas do rumo SO, o que se póde verificar á pag. 188 e seguintes do relatorio de 1875 do então ministerio dos estrangeiros ».

Ora : não está ahi, nas proprias palavras do Sr. Cunha Gomes, uma prova de que o Galvez não foi explorado, nem a cabeceira do Jaquirana perfeitamente determinada ?

Deduz-se, pois, que a segunda commissão de limites tambem não forneceu os dados precisos para a determinação da nossa linha de limites com a Bolivia, pois que, nas condições actuaes da questão, não é justo basear qualquer solução em estudos incompletos e calculos approximados ou simples estimativas.

Na sua carta o Sr. Cunha Gomes accentuou a expressão *estimando* e não *calculando*. A accentuação é, porém, em favor da minha proposição, provando que não houve calculo rigoroso, mas apenas um simples calculo estimativo. Todavia, transcreverei o trecho dos termos de assentamento de marcos pelo Sr. Barão de Teffé, e a apreciação do Sr. Cunha Gomes a tal respeito.

Quanto aos termos do assentamento, eis o que se lê no referido relatorio :

« Termo de assentamento do marco definitivo, na margem direita da vertente do rio Javary, limite entre a Republica do Perú e o Imperio do Brazil, e o ponto mais austral do dito rio, até onde foi possivel á Com-

missão Mixta chegar, depois de inauditos esforços, porquanto os obstaculos eram taes, que não permittiam subir além, e ao mesmo tempo demonstraram, que se havia attingido as suas nascentes, com differença de algumas milhas, que computámos em oito milhas, mais ou menos ».

E mais adeante :

« Cumprindo notar, que tão depressa como sejam construidos os planos, trabalho que será executado no porto de Tabatinga, segundo o resultado apresentado pelas ditas cartas, os Srs. Commissarios determinarão a verdadeira nascente do Javary, em uma distancia que será a citada anteriormente, mais ao sudoeste do logar em que se collocou o marco, e porquanto de outro modo não se póde resolver esta questão, etc. » :

Depois, em outro documento sobre o mesmo assumpto :

« A segunda nota refere-se á verdadeira latitude e longitude da nascente ou origem do Javary, como se concordou no respectivo termo, augmentando á latitude e longitude do marco as differenças correspondentes a tres milhas, em linha geodesica, ao rumo sudoeste, teremos : latitude $7^{\circ} 1' 17'',50$ S, e longitude $74^{\circ} 8' 27'',07$ O. Gr. » :

E conclue :

« D'este modo fica determinado o ponto da verdadeira nascente do rio Javary ».

Vejamos porém a apreciação feita pelo Sr. Cunha Gomes, no seu trabalho — *Re-exploração do rio Javary* — : diz S. Ex. :

« Assombroso e admiravel!!!

« E é o proprio Almirante Barão de Teffé, então Capitão de Fragata, quem assigna semelhante Termo, dando assim a prova mais cabal em documento official de que S. Ex. não attingiu as nascentes do Javary, e sim as deduziu no seu escriptorio, no porto de Tabatinga!! »

Não preciso mais para confirmar a minha proposição. A comissão Teffé não nos forneceu elementos completos e precisos para a demarcação dos limites com a Bolivia.

Passarei portanto, á terceira comissão : antes porém, devo lembrar o que se passou depois dos trabalhos das duas comissões precedentes.

Começaram n'essa occasião a apparecer os mappas do Brazil com a linha inclinada do Beni á supposta cabeceira do Javary, e o Governo accitando essa linha como definitiva, decretou o Protocollo de 19 de Fevereiro de 1895, em que se lê em dous artigos o seguinte :

« Que se complete a demarcação dos limites, fazendo-a na parte comprehendida entre o Madeira e o Javary para o que o Governo Brasileiro nomeará, com a menor demora possivel, os seus commissarios, os quaes, reunidos ao Coronel Pando e ao Engenheiro D. Carlos Satchell, 1.º e 2.º commissarios nomeados por parte da Bolivia, formarão com elles uma comissão mixta ».

« Que ambas as partes adoptem, como se tivesse sido praticada pela dita comissão mixta, a operação pela qual, na demarcação dos limites entre o Brazil e o Perú se determinou a posição da nascente do Javary ».

« Esta nascente pois, está, para todos os effeitos, na demarcação entre o Brazil e a Bolivia, situados aos 7° 1' 17",5 de lat. S e 74° 8' 27" de long. O. Gr. ».

E em seguida nomeou nova comissão, tendo para chefe o nosso consocio Sr. Coronel Dr. G. Thaumaturgo de Azevedo como 1.º commissario, e o Sr. Capitão Tenente Cunha Gomes como 2.º commissario, para proceder á demarcação dos pontos intermediarios do Beni ao Javary.

Foi então que se originou o conflicto entre o Governo e o Chefe da Comissão, por haver este representado

contra a orientação dada á demarcação, fazendo o Brazil perder uma parte do seu territorio, totalmente habitada por brasileiros, parecendo-lhe haver erro na determinação da nascente principal do Javary, ou na interpretação do Tratado de 27 de Março de 1867.

D'este conflicto resultou pedir demissão do cargo o Sr. Coronel Thaumaturgo de Azevedo, sendo encarregado para substituí-lo o Sr. Capitão Tenente Cunha Gomes, que entretanto foi também incumbido de re-explorar o Javary.

E' a terceira commissão do Javary a que nos referimos.

A respeito dos trabalhos d'essa commissão, eu disse, na minha primeira conferencia :

« Succedeu-lhe o Capitão Tenente Cunha Gomes, que também foi incumbido de verificar a nascente principal do Javary ; mas, contentando-se em subir o Jaquirana, sem explorar realmente o Galvez, chegou ao marco cravado pelo Barão de Teffé, e apenas achou para a nascente do Jaquirana uma pequena differença na latitude, que calculou em $7^{\circ} 11' 48'', 10$ S, em vez de $7^{\circ} 1' 17'', 5$ S, conforme havia calculado o Barão de Teffé ».

O Sr. Cunha Gomes, na sua carta ao *Jornal do Commercio*, appella para o seu relatorio, e com o que alli expoz, pensa ter resolvido rigorosamente a questão do Javary em todos os seus itens.

E' o que peço licença para contestar, em face da proposição que procuro sustentar.

Começarei transcrevendo os trechos do relatorio do proprio Sr. Cunha Gomes, de 11 de Janeiro de 1898, quanto á junção dos rios Jaquirana e Galvez e ás explorações n'elles feitas.

« Faz o Galvez junção com o Javary no ponto cujas coordenadas são : Lat. $5^{\circ} 10' 17'',5$ S ; Long. $72^{\circ} 52' 29''$ O de Gr. ; Alt. $101^m,6$.

« Para bem informar-vos encarreguei o 2^o ajudante d'esta commissão de levantar um trecho d'esse rio, bem como de medir o seu volume de descarga de aguas, sua correnteza e examinar a côr e a natureza d'ellas.

« Effectivamente foi o Galvez levantado em uma extensão de seis milhas, tendo n'esse ponto apenas 50 metros de largura.

« Sua correnteza é diminuta, devido a ser represado pelo rio Jaquirana. E' escura a côr das suas aguas, sendo por isso aqui chamado — um rio de agua preta —.

« A vegetação das suas margens é menos frondosa que a do Javary, havendo pelo leito do rio grande numero de páos, que já no trecho levantado dificultava a navegação feita em canôas.

« Suas margens são em geral a prumo, havendo poucas e pequenas praias, apesar de estar o rio na sua maior vasante, tendo uma altura variavel entre $2^m,50$ a $3^m,00$.

« Pelas marcas encontradas nas arvores, suas aguas apenas sobem de $0^m,50$ a $1^m,00$ sobre os barrancos, no trecho levantado e estudado.

« Pela rigorosa medida feita nas boccas dos rios Galvez e Jaquirana, aquelle tem $197^m^3,443$ de volume de descarga de aguas por segundo, e este $552^m^3,380$ de descarga de aguas, tambem por segundo, estabelecendo uma relação entre os dois volumes de descarga de 26 para 74, ou approximadamente, de um para tres.

« Este rio não é habitado, a não ser por tribus de indios *Capanauas*, em uma e outra margem, segundo informações colhidas.

« E' doentio e não possui seringa, como em geral toda a margem esquerda do rio Javary, a não ser em poucos logares de terrenos alagadiços. Houve porém, caúcho nas suas terras altas, que acabou-se, retirando-se os exploradores d'esta industria, em geral peruanos, para outros rios brasileiros.

« Nasce este rio, segundo informações colhidas em Lontananga, barracão peruano da margem esquerda do rio Jaquirana, em terras altas, que ficam ao norte d'este ponto e que fazem a divisa de aguas entre os rios Jaquirana e Branco, affluente do rio Ucayali, tanto que d'ahi se cruza por terra para aquelle rio, sem ser elle mais encontrado. Este barracão fica a 140 milhas da sua bocca, devendo, portanto, o curso d'este rio ser, por isso, muito pequeno.

« Além de notar-se a côr escura das aguas do rio Galvez, fizeram-se observações da temperatura d'ellas em varios pontos do rio, até onde foi explorado e estudado, achando-se 26°,5 centigrados, emquanto que as temperaturas das aguas dos rios Jaquirana e Javary são de 29° centigrados.

« Assim, dando o resultado dos estudos feitos no rio Galvez, cabe-me fazer a comparação com os igualmente executados nos rios Jaquirana e Javary e chegar ao resultado de affirmar, que o Jaquirana é, incontestavelmente, a continuação do rio Javary, pelo seguinte :

« O rio Jaquirana tem :

« O volume de descarga de aguas maior do que o Galvez e em uma relação de um para tres :

« A temperatura das suas aguas, igual á do Javary, que é de 29° centigrados, emquanto que a do Galvez é de 26°,5 tambem centigrados.

« A côr das aguas é branca como a do rio Javary, sendo a do rio Galvez escura e turva.

« O seu curso de cerca de 700 milhas até sua nascente, emquanto que o rio Galvez terá talvez pouco mais de 100 milhas, também até as suas nascentes.

« E' pois, o *Jaquirana a continuação do rio Javary, e como tal foi explorado* ».

Quanto ao rio Jaquirana lê-se ainda o seguinte :

« O rio Javary toma o nome de Jaquirana desde a sua confluencia com o Galvez, seu tributario, até as suas nascentes. A sua origem ou nascente é em uma grotta, formada por dois altos contrafortes de uma grande serra, que *supponho* ser um dos contrafortes mais orientaes dos Andes, dividindo os valles dos rios Ucayali e Madre-Dios.

« Corre o Jaquirana ao rumo SO por cerca de 210 milhas.

« O espaço, hoje livre de embaraços, que offerece este rio á navegação, em lancha a vapor, batelões e canôas, excede de 300 milhas ».

.....
« O rio Jaquirana corre em leito arenoso e suas aguas são claras e transparentes.

« Em todas as suas praias encontram-se areias grossas e detrictos de rochas de formação ignea. O terreno de suas margens tem um aspecto mineralogico, muito pronunciado, principalmente nas cabeceiras, nas quaes se acham grandes quantidades d'aquelles detrictos e de conglumerados ferruginosos ».

Basta a leitura dos dous seguintes trechos :

Effectivamente foi o Galvez levantado em uma extensão de seis milhas ;

Nasce este rio (Galvez) segundo informações colhidas em Lontananza, barracão peruano da margem esquerda do rio Jaquirana, em terras altas, & : para reconhecer-se, que, tratando-se d'uma re-exploração, e assumpto tão melin-

droso e *controvertido*, em que iamos perder terras já occupadas por nossos compatriotas, expellil-os da communhão nacional, e nós proprios repudial-os apesar dos vehementes protestos dos Amazonenses, para reconhecer-se, digo, quo o Sr. Cunha Gomes deixou tambem a questão pendente, *contentando-se*, para a determinação de elementos essenciaes, com umas seis milhas d'exploração no Galvez, e com as informações de peruanos, que se interessam em affastar do Galvez toda a idéa do dominio brasileiro, e vão ao ponto de pretenderem a pósse dos mesmos terrenos que contestamos á Bolivia, e que de facto nos devem pertencer.

Mas, independente d'estas considerações, o Sr. Cunha Gomes allude a outras, a que se refere no relatorio cujo trecho acabamos de transcrever.

Accentúa ter o Galvez, a 6 milhas da sua bocca *apenas 50 metros de largura*. Esta circumstancia porém pouco inflúe, porque os confluentes do Amazonas apresentam muitas anomalias a tal respeito : estreitam-se n'um ponto, alargam-se n'outro : formam correntesa n'um trecho, remanso n'outro. Haja exemplo no Tapajós, logo acima da sua embocadura ou de Santarém, onde, depois de muito estreitar-se, alarga-se o rio a parecer uma grande lagôa. No proprio Acre, no celebre porto Allonso, o rio não tem mais de 50 metros de largura, conforme consta de uma noticia publicada no *Jornal do Commercio* de 19 de Março ultimo.

Diz ainda o Sr. Cunha Gomes :

1º *O rio Jaquirana tem o volume de descarga maior que o Galvez e em uma relação de um para tres*. Na verdade o Sr. Cunha Gomes fez medir as descargas na bocca dos dois rios e achou para o Galvez menor descarga que para o Jaquirana. Mas, porque concluir immediatamente d'ahi que o Jaquirana é maior que o Galvez? a quantos

caprichos da natureza não está sujeita uma tal prescrição? Basta ponderar que na occasião das medições fortes enxurradas poderiam cahir no valle do Jaquirana e reinar no Galvez tempo diverso. E o proprio Sr. Cunha Gomes diz *estar então o rio (Galvez) na sua maior vasante.*

O essencial é aqui verificar qual dos affluentes vae mais ao sul, ou é o maior, *qual de los dos rios era mayor* segundo Paz Soldan; e evidentemente o Galvez com menos agua poderia ir mais ao sul que o Jaquirana com mais, segundo a direcção de cada um e as regiões percorridas, mórmente quando é o proprio Sr. Cunha Gomes que descreve o valle do Galvez como *doentio, não possuindo seringa, nem sendo habitado a não ser por tribus de Capanauas em uma e outra margem, segundo informações que colhêra.*

Tudo isto portanto não passa de conjecturas.

2º *O rio Jaquirana tem a temperatura das suas aguas igual á do Javary, que é de 29° centigrados, emquanto que a do Galvez é de 26°,5 tambem centigrados.*

Este argumento perde a importancia, não se verificando si a maior vasão do Jaquirana não foi devida, no momento das observações, a enxurradas no Jaquirana. Em todo o caso não prova ser este rio maior que o Galvez.

3º *O Jaquirana tem a côr das aguas brancas como a do rio Javary, sendo a do Galvez escura e turva.* O argumento está no mesmo caso que o precedente, aggravando-se porém pela discordancia em que está a descripção do Sr. Cunha com a de Paz Soldan acima transcripta.

4º *O rio Jaquirana tem o seu curso de cerca 700 milhas até a sua nascente, emquanto que o rio Galvez terá talvez pouco mais de 100 milhas, tambem até as suas nascentes.*

Eis ahi uma serie de supposições em que se baseia o Sr. Cunha Gomes, especialmente no que respeita ao rio Galvez.

E' entretanto justo dizer que o Sr. Cunha Gomes apresenta outros argumentos que poderiam calar no espirito dos que acompanham o relatorio de S. Ex. para as verificações em questão ; mas todos elles são suspeitos por provirem de informações peruanas, nenhuma sendo producto de observações proprias do illustre chefe da commissão.

Não ha pois, razão para concluir-se como faz o Sr. Cunha Gomes : *E' pois, o Jaquirana a continuação do Javary, e como tal foi explorado.*

Resta ainda muita cousa a verificar e a fazer para chegar-se á determinação exacta da origem principal do Javary, quanto ao maior percurso dos seus affluentes e á verificação do que vae mais ao sul.

O Governo da União, reconhecendo esta necessidade, nomeou uma nova commissão tendo para chefe o Sr. Dr. Manoel Pereira Reis, afim de proceder á exploração do Javary e seus affluentes.

Só depois d'estes trabalhos se poderá ultimar a demarcação dos limites ; mas em todo o caso, segundo tivemos occasião de mostrar na primeira conferencia, a linha de limites deverá seguir pelo parallelo de $10^{\circ}20'$, e d'um ponto conveniente por uma recta até encontrar a cabeceira principal do Javary, se o parallelo não encontrar-o.

Realmente, nas condições actuaes e com os elementos de que se dispõe, não ha meio de se proceder definitivamente sobre o caso sem esta serie de verificações, e accetando desde logo a recta tirada do Beni á cabeceira do Jaquirana aos $7^{\circ} 11' 48''$, 13 : a questão é tanto mais melindrosa quanto n'ella se acham envolvidas tres nações limitrophes, e compromettidas a integridade da nossa patria e a defesa dos respectivos dominios.

Ha por um lado lacunas sensiveis ; dados fundados em simples observações, geralmente suspeitas por virem de fontes peruanos, discordancias palpaveis que convem verificar ; e pelo outro interpretação erronea do tratado de 1867, traçando uma linha que não representa com toda a realidade o que elle prescreve e que nos faz perder uma grande parte do nosso territorio.

Foi tudo isto que me levou a julgar, na minha conferencia, insufficientes os estudos apresentados para a solução de tão importante questão, mesmo aquelles a que procedeu o Sr. Cunha Gomes.

Não quero dizer com isto que o illustre chefe da 3ª commissão não tenha direito á gratidão nacional pelos sacrificios que fez no desempenho dos arrojados trabalhos, expondo a sua vida aos maiores e mais dolorosos perigos ; mas, tratando-se de uma re-exploração tão importante, não parece que foi completo no que realisou, pois deixou ainda pontos a verificar e a examinar.

E assim pensando, externo, com *a calma e o criterio* com que procuro sempre proceder, o conceito que merecem os trabalhos do Javary, os quaes com razão tanto occupam a nossa attenção.

Concorri, para secundar o Dr. Paulo de Frontin, Dr. Serzedello Corrêa e outros compatriotas, em despertar a attenção dos poderes publicos da nossa patria em prol de tão importante assumpto.

Se abandonarmos hoje os terrenos do Acre á invasão boliviana ou peruana, teremos o desprazer de ver amanhã os francezes atravessarem o Oyapoc, e apoderaram-se das nossas terras do Amapá ; os inglezes transporem as serras do Acarahy e alojarem-se nas margens do rio Branco, como já pretendem tel-o feito até o rio Tacatú ; veremos resurgir questões antigas em que cada um dos nossos vi-

sinhos se julgará com o direito de invadir o nosso territorio : e não será de extranhar que as nações da Europa, levadas pela ambição de estender os seus dominios, pensem em converter o nosso Brazil, a nossa bella Patria, que foi tão unida e respeitada, n'uma outra Africa, esbulhando-a, á força, dos seus dominios.

Basta, para causar-nos tão tristes apprehensões, um relancear d'olhos no que ás sorrelfas se commenta, n'estes ultimos annos, a respeito do Brazil nas folhas e revistas europeas, e de que nos tem dado uma amostra o *New-York Herald*, conforme nos tem feito ver a *Gazeta de Noticias* : basta citar o seguinte trecho de uma memoria sob o titulo *La Nouvelle Pologne*, que o Instituto Geographico de Bruxellas deu á publicidade em 1899, escripta pelo Sr. B. Joseph de Siemiradzki, professor da Faculdade de Sciencias de Leopoldo na Austria :

« Je puis constater en outre que, malgré tous les efforts des Brésiliens pour s'assimiler les colons de diverses nationalités par les croisements, il se produit partout un mouvement de concentration qui doit avoir pour résultat la nationalisation particulière de chaque district occupé par les colons européens. Ainsi, l'État de S. Paulo devint de plus en plus une *Nouvelle Italie*, et l'État de S. Catharina une *Nouvelle Allemagne*. Le Paraná ne pourra être que polonais, si le courant d'émigration, commencé par les laboureurs, finit par entraîner aussi l'élément intelligent des marchands et des industriels, et s'il parvient à remplacer les Allemands dans les villes du Paraná, comme le paysan polonais a déjà repoussé le fermier allemand vers S. Catharina et Porto Alegre. »

Eis ahi como se falla do Brazil, e como se o trata no consenso das nações !

E' o caso de exclamar como a *Gazeta de Noticias* :
Alérta!

Sim; alérta! porque não devemos ceder nem um
palmo do nosso territorio!

E' isto o que nos impõe o direito: e o nosso patrio-
tismo está em fazer respeitar esse direito!

Nota sobre o Curary

Nas minhas explorações do anno de 1897, na expedição que realizei, subindo pelo rio « Orinoco » passando ao rio « Cassiquiare » d'este ao « Rio Negro » e para o magestoso « Amazonas », vi preparar este veneno terrivel, o *Curary* pelos indios Guaicas habitantes das margens do Alto « Orinoco » na Guyana Venezuelana.

Do rio « Cassiquiare » realizei um trajecto a pé até entrar no rio « Baria », bem abaixo de Solanos, em cujo ponto entrei no rio « Negro » deixando a povoação de Solanos á minha esquerda, porque me informaram da existencia n'esta villa, de uma quadrilha de salteadores.

Approximadamente 2 $\frac{1}{2}$ ou 3 leguas antes de se chegar ao rio « Cassiquiare » existe uma pequena villa chamada « Buenaguardia », que conta cêrca de 600 habitantes sem a menor industria, e que passam a vida entregues á ociosidade e extrema indolencia. Os indigenas chamam ao aldeamento « Quajo » devido a existirem nas cercanias muitas e extensas mattas de uma planta com este nome, que produz uma fructa pequena do tamanho de uma avelã, que é extremamente oleosa. Os indigenas servem-se d'estas pequenas fructas para com ellas fabricarem simples velas, que dão realmente uma luz clara, sem fumo e sem cheiro.

Estas velas fabricam-n'as elles enfiando n'uma fibra de bambú rusticamente alizada, as fructinhas umas sobre

as outras comprimindo-as fortemente entre si e dando-lhes, portanto, a apparencia e formato semelhante a uma vela de stearina pura.

Foi nas cercanias da villa de « Buenaguardia » que encontrei os Indios denominados « Guaicas », os quaes são regularmente doces e tractaveis. Os seus agrupamentos são regulares, constituídos na maior parte de mulheres e crianças e bem limitado o numero de homens. Estes Indios são na maior parte, de estatura mediana, côr de cobre escuro, testa estreita, cabellos negros e corredios, olhos negros, nariz pequeno imitando o nariz da raça africana, levemente achatado, dentadura bonita e branca e orelhas grandes.

Demorei-me dois dias apenas entre os « Guaicas », tendo notado que o uso dos objectos ethnographicos é com bem pouca differença igual aos das outras raças indigenas d'esta zona.

O *Curary* é differente do que vi usar pelos indigenas dos lados do rio « Amazonas ».

Nos dois dias que me demorei entre os « Guaicas », presenciei uma cerimonia bem curiosa para a fabricação, ou para melhor dizer, de parte da fabricação d'este veneno.

O Cacique com os outros chefes seus subalternos realizaram o sorteio de tres indigenas da tribu, os quaes teriam de sujeitar-se á fabricação do terrivel veneno. Foram sorteados dois indios e uma india para esse effeito.

Reuiram-se então 186 indigenas incluindo os sorteados e principiaram a fabricação do *Curary*, com as seguintes formalidades:

O Tuchau ou Cacique mandou fazer em uma pequena clareira uma fogueira pequena e de fogo lento. Ao seu lado elle tinha duas panellas de barro queimado de tamanho differente. A maior d'estas panellas estava cheia

de uma tintura-mãe côr de chocolate claro na quantidade de pouco mais ou menos 800 grammas e a mais pequena tinha a capacidade de 150 grammas. Por sua ordem a panella pequena foi collocada sobre a fogueira conservada a fogo lento e um dos Indios sorteados esvasiou n'ella uma quantidade de tintura até ao meio, e introduzindo no liquido uma varinha de madeira resistente ia remexendo.

A evaporação produzida era tão forte que no espaço de 2 $\frac{1}{2}$ horas o Indio tinha vertido totalmente as 800 grammas da tintura totalmente concentrada.

Ao terminar esta operação o Indio completamente tonteado, devido á forte evaporação do veneno, foi substituído pelo companheiro de sorteio. Uma e $\frac{1}{2}$ hora depois, este Indio tambem se viu obrigado a abandonar a manipulação de veneno, victima das mesmas tonteiras, passando a operação a ser feita pela India sorteada, que terminou a manipulação, sentindo-se tambem atacada dos mesmos soffrimentos.

Ficando assim terminada a fabricação do veneno, as 800 grammas da primitiva tintura-mãe ficaram reduzidas a um extracto côr de chocolate escuro, tendo durado a terceira e ultima manipulação cêrca de 1 $\frac{1}{2}$ horas.

Durante este trabalho o Cacique havia formado com os 183 indigenas que assistiam á fabricação, um semicirculo, cuja abertura era do lado para onde soprava o vento, de sorte que estes Indios não absorviam as evaporações do veneno.

Não pude saber nem obter os vegetaes componentes d'este veneno, porque os indigenas se negaram absolutamente a dar-me este segredo. Pude conseguir a posse da mesma panellinha que serviu para a fabricação do *Curary* e a conservo em minha residencia.

Realmente, vi entre estes Indios, que o effeito d'este

veneno é bem um effeito violento. Este effeito violento tambem tive occasião de o presenciar no Baixo « Orinoco » alguns kilometros acima do « Passo do Inferno » onde ao desembocar em uma volta do rio foram flechados dois remadores da minha canôa, que poucos momentos depois de feridos pelas flechas envenenadas com o *Curary*, deixaram de existir. Deve notar-se que os ferimentos não foram em logares considerados mortaes, pois que um dos remadores foi flechado na perna direita e ou outro no antebraço direito. Ambos os feridos morreram com o intervallo de poucos momentos e ambos apresentaram symptomas identicos aos da strychnina.

O « Passo do Inferno » é o ponto mais estreito do rio « Orinoco », sendo a sua corrente de uma violencia extraordinaria, visto que elle passa apertado entre duas montanhas talhadas a pique. Tomou tal nome porque ha muitos annos que constantemente ahi tem naufragado as canôas ou pequenas embarcações, que se arriscaram a passar. D'este ponto tenho nma photographia que eu mesmo tirei. Para passarem sem risco os viajantes usam conduzir as canôas ou pequenas embarcações por terra, por qualquer das margens e mais adiante lançal-as de novo no rio e assim proseguirem a navegação.

O terreno é constantemente montanhoso e mostra sempre quartzo aurifero.

Toda a zona que percorri n'esta minha exploração, é quente, febril e paludosa.

Encontrei n'ella enormes mattas de cajú principalmente na Guyana Venezuelana no trajecto pelo « Orinoco », sendo a maior parte de cajú mimoso (pequeno) de coloração rubra viva e amarella, sendo mais adstringentes do que os do Brazil, por terem muito tannino.

Em toda esta viagem, em ambas as margens dos rios « Orinoco », « Cassiquiare », « Baria » e « Rio Negro » vi

vegetação variada, soberba, luxuriante e opulentissima, encontrando-se extensas mattas de *borracha*, *cumarú*, e immensa variedade de plantas com applicação na medicina e na industria, gommas preciosas, etc.

Tive occasião de tambem apreciar interminavel variedade de *parasytas*, *orchideas* de aspectos bizarros e sorprendentes de belleza.

A fauna de todas estas paragens é opulenta pela quantidade e variedade de passaros de formozissima plumagem e peixes de muitas especies, formatos e tamanhos.

Na fauna do « Orinoco » e juntos das margens dos rios affluentes encontrei em diversos pontos um passaro muito semelhante a uma pomba rôla, no tamanho e formato, mas com uma plumagem totalmente vermelha, de um vermelho vivo e brilhante ; as pernas e o bico eram do mesmo colorido. Não pude perceber-lhe o canto. Estes passaros andam em pequenos bandos separados e aos pares ou casaes ; o seu vôo é rapido.

Atravessei immensas zonas de mineraes e descobri com frequencia ouro, prata, ferro, cobre, chumbo, carvão de pedra, etc., etc.

Na Guyana Venezuelana estive na pequena Cidade de Bolivar. E' a mais antiga d'esta Republica e tira o seu nome do grande general e patriota Simão Bolivar, que provocou a independencia contra a Hespanha, a metropole, não só de sua patria, como tambem dos territorios ou vice-reinados pertencentes á Hespanha, e que são hoje as Republicas de Venezuela, Nova Granada, Equador, Perú, Bolivia, Colombia e Guatemala.

As construcções da Cidade são no antigo estylo gothico e na praça principal se vê a estatua pedestre de Simão Bolivar o Libertador, cercada de 7 estatuas symbolizando cada uma das Republicas acima enumeradas.

D'estas estatuas, bem como das fortalezas, quartéis

e outros monumentos da Cidade, tirei photographias que possúo.

Emfim, n'esta minha viagem *pari-passu* dos perigos inherentes a todas as explorações identicas, tive momentos de extase e pasmo indisiveis em face das riquezas deslumbrantes de uma natureza uberrima e virgem, e concentrei-me n'aquelle recolhimento e adoração intima que em todos os passos de nossa vida devemos a Deus, o Creador de tantas maravilhas, a Deus, que nunca deve sahir e não sahe do pensamento e do espirito do viajor n'aquellas immensas solidões.

Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1899.

Dr. BACH.

INDICE

A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.....	3
O 4º Centenario da India.....	5
Exploração do Rio Tocantins.....	19
Rio Negro.....	28
Limites do Brasil com a Bolivia.....	36
Nota sobre o Curary.....	73
